

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE ARARAQUARA PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL E MEIO
AMBIENTE**

**Uma Experiência Diversificada de Comercialização gerida por
Assentados Rurais**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente, curso de Mestrado, do Centro Universitário de Araraquara – UNIARA – como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente.

Área de Concentração: Dinâmica Regional e Alternativas de Sustentabilidade.

Orientada: Michelle Ribeiro Pinto Costa
Orientador : Prof. Dr. Zildo Gallo

RESUMO

O modelo socioeconômico vigente, que preconiza o lucro como fim último de seu sistema, fez da região Central do Estado de São Paulo um complexo de grandes indústrias, onde trabalhadores rurais são mão-de-obra barata e volante. Indutor de mudanças constantes sempre em favor do capital, este sistema desencadeia um ciclo de dependência, desorganização e vulnerabilidade na vida no campo. Inserem-se nesta complexa realidade os projetos de assentamentos rurais que representam uma forma justa de distribuição de terras e possuem contrapontos e resistências às grandes concentrações de terra e renda. A partir da perspectiva de um fragmento - um casal de assentados do Projeto de Assentamento Monte Alegre que produz sem agrotóxicos e organiza seus produtos em cestas para entregas em domicílio, bem como se utiliza da rede social facebook como mediadora do processo - desejamos relatar e compreender como esta experiência diversificada se sustenta em meio a tantas contradições. Para construir este relato utilizaremos as ideias de Pierre Bourdieu acerca do Habitus que nos esclarece com sua teoria sobre modo de vida sobre as disposições estruturadas (no social) e estruturantes (nas mentes), adquirido nas e pelas experiências práticas (em condições sociais específicas de existência), constantemente orientado para funções e ações do agir cotidiano. A metodologia, denominada estudo de caso, nos auxilia por caracterizar-se como um estudo de objeto muito bem definido, por objetivar explorar com profundidade os motivos que justificam a especificidade de determinadas situações, acreditamos que esta seja a melhor forma de olhar para a referida realidade. Deste modo, descreveremos a organização das formas de produção, a logística deste processo, o papel da internet como mediadora da comercialização, bem como os desafios e perspectivas desta experiência que nos permite discutir dentro da trajetória multidimensional dos assentamentos rurais estratégias diferenciadas de comercialização organizadas e geridas por assentados .

Palavras Chaves: Estratégias Diversificadas de Produção, Assentados Rurais

Cestas de verduras, legumes e frutas entregues em domicílio.

ABSTRACT

The current socioeconomic model, which calls for profit as the ultimate purpose of your system, made the central region of the state of São Paulo, a large industrial complex, where rural workers are cheap labor and steering wheel. Inductor constant changes always in the capital, the system triggers a cycle of dependency, disorganization and vulnerability in rural life. Fall into this complex reality projects of rural settlements that represent a fair distribution of land and have counterpoints and resistance to high concentrations of land and income. From the perspective of a fragment - a couple of settlers Settlement Project Monte Alegre that produce without pesticides and organizes its products into baskets for home delivery, and use of social network facebook as a mediator of the process - we want to relate and understand how this diverse experience is sustained amid many contradictions. To build this report we use the ideas of Pierre Bourdieu 's habitus about that enlightens us with his theory about the way of life structured arrangements (the social) and structural (minds), and acquired the practical experience (in specific social conditions of existence), constantly oriented functions and actions of their daily routine. The methodology called case study helps us to characterize itself as a study object very well defined, by objectifying explore in depth the reasons for the specificity of certain situations, we believe this is the best way to look at the reality that. Thus, we describe the organization of forms of production, the logistics of this process, the role of the internet as a mediator of marketing as well as the challenges and perspectives of this experience that allows us to discuss within the trajectory of rural settlements multidimensional marketing strategies are organized and managed by settlers.

Key Words: Strategies Diversified Production. Rural Settlers.

Baskets of vegetables and fruits delivered at home.

LISTA DE SIGLAS

P.A.: Projeto de Assentamento

E.: Entrevistador

M.: Michelle

C.: Criança

A. : Alvino

M.A.: Maria

ITESP: Instituto de Terras do Estado de São Paulo

OMS: Organização Mundial de Saúde

ONU: Organização das Nações Unidas

FEPASA: Ferrovia Paulista S.A.

INCRA: Instituto Nacional de Reforma Agrária

STRA: Sindicato dos Trabalhadores Rurais Assalariados de Araraquara

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
APRESENTAÇÃO.....	17
1 – HISTÓRIA E TRAJETÓRIA.....	26
1.1 - Localização.....	26
1.2 - Quem são os assentados rurais?.....	28
1.3 - Aspectos históricos: O Assentamento Monte Alegre.....	32
1.4 - As formas de Produção no Assentamento Monte Alegre.....	38
1.5 - Estratégias de comercialização e renda: Uma estratégia familiar?.....	40
2 – AS CESTAS	48
2.1 - O lote da perspectiva do agricultor.....	48
2.2 - Cestas: Uma forma inovadora de inserção no mercado.....	55
2.3 - A rede social Facebook.....	60
2.4 - A viabilidade das cestas.....	62
2.5 - As culturas: O caminho para diversificação.....	65
2.6 - A rotina: O cotidiano e a divisão do trabalho.....	74
2.7 - A opinião dos consumidores.....	76
2.8 - Financiamento e Assistência técnica.....	78
3 - DIVERSIFICAÇÃO: SEMENTES DE SOBERANIA ALIMENTAR.....	80

Soberania Alimentar: Além da segurança a conquista da autonomia.....	82
Considerações Finais.....	86
REFERÊNCIAS.....	91

INTRODUÇÃO

O modelo de distribuição de terras no Brasil está envolto dos ideais de lucro acima de qualquer justiça, o que exemplifica os imensos latifúndios que compõem nossa paisagem. Este complexo processo, que não passou por momentos de drásticas rupturas com o capital, caminhou a passos lentos, os muitos demandantes por terra, suas reflexões e ocupações realizadas forçaram, após muitas lutas, o Estado a gestar políticas públicas que mesmo insuficientes ainda são sinais de possibilidades dentro deste contexto emaranhado de controvérsias. Mesmo que de forma insatisfatória e sempre incompleta, a criação de projetos de assentamentos confere maior justiça social a esta realidade.

Os Projetos de Assentamento (P.A.) exigem a organização, manutenção e desenvolvimento de estratégias que viabilizem uma vida com qualidade aos assentados, isso compreende inúmeros fatores que se entrelaçam formando uma complexa teia cheia de agentes e condicionantes na maioria das vezes imensuráveis. Diante destas contradições encontramos experiências exitosas em diversos assentamentos que nos reafirmam a necessidade de relatá-las como mecanismo para difundir e promover as boas ideias.

Nos municípios de Araraquara e Motuca, região Central do Estado de São Paulo, reconhecidos por suas monoculturas de cana e seus complexos sucroalcooleiros, onde situa-se também o Projeto de Assentamento Monte Alegre, encontramos a experiência de um casal de assentados que produz sem o uso de agrotóxicos, e sugerimos aos mesmos que pudessem fazer a entrega de cestas de verduras, legumes e frutas entregues em domicílio. A experiência que foi se organizando e ganhando adeptos já caminha para três anos de existência, com uma contribuição efetiva, como veremos adiante, para a vida do casal de assentados.

Por isso desejamos construir o presente estudo de caso, que se motivou a partir da possibilidade de manutenção de uma experiência diversificada, em um contexto em que os dados apontam que cerca de 85% da área agricultável do

assentamento Monte Alegre é destinado ao cultivo da cana¹. Deste modo, o que impulsiona esta experiência e como a mesma se mantém de forma viável para os assentados, são questões que pretendemos discutir ao longo do texto, buscando voltar o olhar para a viabilidade da entrega das cestas de verduras, legumes e frutas. Desde a colheita, recebimento e organização dos pedidos, passando pelo complexo projeto de logística para entrega das cestas, bem como a organização de todo este processo, vem ocorrendo sem nenhum auxílio técnico, o que nos reafirma que temos um caso a relatar e discutir.

Motivações

Um relato como este vem sempre acompanhado de uma história. Esta dissertação passou por três projetos diferentes, troca de orientador, situações envoltas de uma cirurgia, uma gravidez, filhos pequenos, falta de recursos financeiros, e a vida que continua a correr e exigir de nós, todos os dias. Tantos foram os caminhos diferentes que conduziram ao que não poderia deixar de ser, um tema ligado à minha vida e história que se relaciona totalmente com o meu dia-a-dia – a alimentação. Este tema ganhou maior enfoque em minha vida quando meu primeiro filho começou a comer e eu decidi que aprenderia cozinhar e iria escolher para ele os melhores alimentos. De lá para cá já se foram 7 anos de muitas leituras e busca pela construção de um cardápio saudável e saboroso para a família toda. O que não é nada fácil visto que vivemos em contexto marcado pela cultura fast food, onde não se importa de onde vem a comida, como ela é preparada, e o que a mesma pode causar em nosso organismo.

Pensar sobre o ato de se alimentar é para mim remar contra a corrente, é construir uma pequena revolução diária que começa com cada escolha que faço ao longo do dia. Desta forma, alimentar-se não pode, a meu ver, ser um ato mecânico, sem acompanhamento de uma reflexão que questione o valor daquele alimento, suas formas de produção, os envolvidos neste processo, os impactos ambientais relacionados. Pensar sobre o ato que mais repito ao longo do dia é, para mim, tarefa fundamental da existência.

¹ Com um aumento gradativo ano a ano, o plantio de cana atingiu seu recorde na safra 2009/2010 com um total de 282 produtores, o que representou 79% das famílias instaladas no assentamento. (BELLACOSA, 2012, p.82).

APRESENTAÇÃO

Cio da Terra - Milton Nascimento

Debulhar o trigo

Recolher cada bago do trigo

Forjar no trigo o milagre do pão

E se fartar de pão

Decepar a cana

Recolher a garapa da cana

Roubar da cana a doçura do mel,

Se lambuzar de mel

Afagar a terra

Conhecer os desejos da terra

Cio da terra, propícia estação

De fecundar o chão.

Esta dissertação tem seu início na Praça Pedro de Toledo na cidade de Araraquara, região central do Estado de São Paulo, quando busquei produtos orgânicos para comprar, e sem encontrá-los da forma como eu esperava, conheci o casal de assentados rurais Senhor Alvino Barbosa da Silva e a Senhora Maria da Glória Assis Silva que nos apresentaram seus produtos e seu lote, bem como sua forma de cultivar a terra sem a utilização de agrotóxicos. A visita ao sítio nos empolgou bastante, pois o que vimos foi muita produtividade e criatividade, em meio ao imenso mar de plantações de cana-de-açúcar. Desde então consumimos produtos da época, próprios desta região, produzidos por assentados rurais com todo necessário respeito ao meio ambiente.

Em meio ao mar de cana em que vivemos, poder compartilhar de uma

alimentação saudável, comercializada de forma justa, e unir estes preceitos aos meus estudos é para mim uma enorme dádiva.

Sugerimos ao casal de agricultores a organização e distribuição de cestas de verduras, legumes e frutas entregues em domicílio, bem como conseguimos os primeiros quinze clientes, desta forma, os agricultores começaram este trabalho que pretendemos descrever e analisar ao longo deste texto, como mecanismo para a compreensão desta atividade que se tornou uma alternativa de renda para a família, e a possibilidade de uma alimentação mais saudável para muitas pessoas.

Deste modo dividimos o texto em três capítulos que retratam em detalhes esta experiência. No primeiro capítulo apresentamos a história e trajetória do assentamento Monte Alegre, com sua multifacetada realidade e composição sempre entrelaçada as condicionantes do modelo socioeconômico. Apresentamos também o sítio São José da Proteção, lugar onde os agricultores Sr. Alvino e Sra. Maria da Glória habitam e desenvolvem o seu trabalho.

Descrevemos no segundo capítulo as estratégias de comercialização e renda dos agricultores, a organização, bem como todos os processos que envolvem a comercialização das cestas de verduras, legumes e frutas, a rotina e a divisão do trabalho no lote, as culturas e como aparecem as práticas diversificadas neste contexto.

No terceiro e último capítulo detalhamos os muitos desafios, entraves e perspectivas desta estratégia, que nos reafirmam a necessidade de refletir e estimular as ações em favor da soberania alimentar.

Nas reflexões acerca das possibilidades construídas pelos assentados e sobre seus modos de vida, não existe nada definitivo e/ou pré fixado, nem há espaço para fatalismos, olhar e tentar compreender a ampla realidade dos assentamentos exige retirar nossas pré concepções reconhecendo o assentamento como espaço de muitas lutas, construções e desconstruções constantes, impasses e confrontos.

Diante da complexa realidade dos assentamentos rurais, buscamos uma metodologia que contribuísse com a ampliação de nosso olhar sobre os desafios e possibilidades da proposta apresentada nesta dissertação. Para tanto, construímos uma breve definição de como entendemos esta pesquisa, para que, logo em seguida,

possamos apresentar a metodologia utilizada.

[...] o objeto de estudo das ciências sociais é histórico. Isto significa que cada sociedade humana existe e se constrói num determinado espaço e se organiza de forma particular e diferente de outras. Por sua vez, todas as que vivenciam a mesma época histórica tem alguns traços comuns, dado o fato de que vivemos num mundo marcado pelo influxo das comunicações. Igualmente, as sociedades vivem o presente marcado por seu passado e é com tais determinações que constroem seu futuro, numa dialética constante entre o que está dado e o que será fruto de seu protagonismo. (MINAYO, 2010).

O movimento dialético realizado pelas sociedades e citado por Minayo é o eixo central de nossa compreensão sobre ciência, onde refutamos a lógica cartesiana para reafirmar que acreditamos nas possibilidades acima de todos os pessimismos.

Buscamos identificar a trajetória dos agricultores no assentamento afim de ampliar o olhar sobre esta experiência, e compreender a mesma a fundo trazendo à tona suas peculiaridades que podem ser úteis como forma de exemplo para outras realidades e/ou como registro de uma das muitas e diferentes alternativas de comercialização que compõem os assentamentos rurais.

O universo desta pesquisa, portanto, são os assentados rurais Sr. Alvino e Sra. Maria da Glória, residentes no assentamento rural Monte Alegre, núcleo VI em Araraquara, proprietários do sítio São José da Proteção, bem como o trabalho dos mesmos com entrega de cestas de legumes, verduras e frutas entregues em domicílio, e a utilização da rede social facebook como mediadora do processo. Neste contexto, as questões que nos motivam são:

Como se organizou a experiência diversificada no assentamento rural?
Quais suas principais características? Como se mantêm?

Diante destes questionamentos, nossa pesquisa tentará estudar esta realidade social que é específica, condicionada pelo momento histórico, onde, ressaltando as crenças e valores, hábitos, atitudes, representações e opiniões que motivam as ações dos assentados. Assim, queremos enfatizar sua historicidade situando a experiência no tempo e no espaço, com a certeza de que seus possíveis resultados não estão, nem serão

prontos e acabados, pois a mesma pressupõe conflito, diferenças, reprodução social, conforme descreve Minayo em suas definições sobre a pesquisa social.

A discussão crítica do conceito de “Metodologia Qualitativa” nos induz a pensá-las não como uma alternativa ideológica às abordagens quantitativas, mas a aprofundar o caráter do social e as dificuldades de construção do conhecimento que o apreendem de forma parcial e inacabada. As diferentes teorias que abrangem (cada uma delas) aspectos particulares e relegam outros, nos revelam o inevitável imbricamento entre conhecimento e interesse, entre condições históricas e avanço das ciências, entre identidade do pesquisador e seu objeto, e a necessidade indiscutível da crítica interna e externa na objetivação do saber. (MINAYO, 2004).

Sob esta perspectiva, e com o intuito de compreender a complexa realidade social dos assentados rurais Sr. Alvino e Sra. Maria da Glória, desejamos elucidar suas estratégias e possibilidades construídas ao longo do tempo com o intuito de esclarecer as decisões ou os conjuntos de decisões e os motivos pelos quais foram tomadas, como foram implementadas e com quais resultados, enfim, como esta família conseguiu, ao longo de sua trajetória no assentamento, buscar sempre novas estratégias de subsistência tornando-as bem sucedidas².

Assim, por ser um tipo de pesquisa muito específica, quase sempre ela assume a forma de um estudo de caso, que se caracteriza pelo estudo em profundidade de poucos objetos, de forma que podemos obter conhecimento amplo e específico do mesmo. Por caracterizar-se como um estudo de objeto muito bem definido, por objetivar explorar com profundidade os motivos que justificam a especificidade de determinadas situações, acreditamos que esta seja a melhor forma de olhar para a referida realidade. Para Gil,

[...] o delineamento se fundamenta na ideia de que a análise de uma unidade de determinado universo possibilita a compreensão da

² Parece-nos importante ressaltar que, quando denominamos as estratégias como “bem sucedidas” entendemos o termo como uma combinação de fatores que garantem a permanência dos assentados no lote, com qualidade de vida. Não vinculamos de forma nenhuma as estratégias bem sucedidas com lucro obtido nas suas formas de comercialização, mesmo por que esta seria para nós, uma concepção reducionista.

generalidade do mesmo ou, pelo menos, o estabelecimento de bases para uma investigação posterior, mais sistemática e precisa. (1991).

O estudo de caso como modalidade de pesquisa é entendido como um método ou como a escolha de um objeto de estudo definido pelo interesse em casos individuais. Optamos pelo Estudo de Caso Particular com o intuito de compreender melhor esta experiência e seus aspectos intrínsecos.

[...] o conhecimento gerado a partir do estudo de caso é diferente do conhecimento gerado a partir de outras pesquisas porque é mais concreto, mais contextualizado, mais voltado para a interpretação do leitor e baseado em populações de referência determinadas pelo leitor. Além disso, a autora explica que o estudo de caso qualitativo atende a quatro características essenciais: particularidade, descrição, heurística e indução. (DEUS, CUNHA, MACIEL, 2013).

Destacamos assim, como estas características essenciais se fazem presentes em nossa reflexão.

Particularidade: Enfatiza o fato de que o estudo de caso focaliza uma situação, um fenômeno particular, ou seja, retratamos a experiência dos assentados rurais Sr. Alvino e Sra. Maria da Glória, um caso singular, de comercialização de cestas de verduras, legumes e frutas entregues em domicílio, produzidos em seu lote, com utilização de rede social facebook para mediação deste processo.

Descrição: Faz-se detalhamento completo e literal da situação investigada. Este processo, dar-se-á, em nossa reflexão através da história de vida contada pelos próprios agricultores.

Heurística: Refere-se à ideia de que o estudo de caso ilumina a compreensão do leitor sobre o fenômeno estudado, podendo “revelar a descoberta de novos significados, estender a experiência do leitor ou confirmar o já conhecido” (ANDRÉ, 2005, p.18). Nosso estudo de caso explicita as estratégias utilizadas pelos referidos agricultores, como mecanismo de valorizar as experiências provenientes dos assentamentos rurais bem como colaborar com os estudos que reúnem exemplos e possibilidades de diversificação da produção agrícola em assentamentos rurais.

Indução: Nossas possíveis conclusões têm uma abrangência maior que as premissas, ou seja, reunimos argumentos com premissas baseadas em afirmações (neste caso, em vivências) do passado e presente dos agricultores para justificar a construção de suas atitudes futuras.

A nossa unidade de caso caracteriza-se como caso atípico³ da comercialização de cestas de verduras, legumes e frutas entregues em domicílio, por assentados rurais, com a mediação da rede social facebook. Mesmo reconhecendo inúmeras e antigas experiências com entregas de cestas de verduras, legumes e frutas no Estado de São Paulo⁴, estas conforme destacaremos detalhadamente no decorrer do texto são em sua maioria empresas de pequeno e médio porte que distribuem produtos orgânicos. Assim, esta experiência se diferencia por ser realizada por assentados rurais, ainda sem a certificação de produção orgânica, sem auxílio externo de nenhuma ordem e com grande aceitação por parte dos clientes que há quase três anos se mantêm fiéis ao projeto.

A coleta de dados por nós realizadas deu-se com entrevistas gravadas com os agricultores, visitas fotografadas ao sítio São José da Proteção, bem como com a realização de entrevista formal estruturada com clientes da cesta, a história de vida dos agricultores foi gravada em vídeo e estimulada por perguntas, o levantamento de dados foi realizado através de revisão bibliográfica.

Para a transcrição das entrevistas utilizamos a metodologia organizada pela professora Dulce Whitaker (2002) que prevê essencialmente a não-descaracterização do discurso do outro, deste modo observamos aqui pontos considerados importantes para este estudo de caso. A transcrição feita de maneira fiel à pronúncia é a forma pela qual podemos compreender e valorizar o outro, reconhecendo seu modo de falar como característica intrínseca que não necessita em momento algum de correção, segundo a norma culta da língua. A professora ressalta ainda que a grafia deve sempre ser realizada de forma correta. A não-correção da concordância verbal é outro ponto que

³ No decorrer do texto apresentamos as experiências com vendas de cestas de verduras, legumes e frutas, que em sua totalidade são de diversas iniciativas, nunca de assentamentos, segundo o que conseguimos registrar.

⁴ Experiências parecidas são reconhecidas em Sumaré no Estado de São Paulo, porém não encontramos subsídios para citá-las.

garante a fidelidade e respeito à fala do entrevistado. Expressões de emoções devem ser colocadas entre parênteses, como forma de enriquecer a leitura.

A partir da compreensão da realidade e das atitudes humanas como um processo nunca determinado e de alta complexidade, concebemos que a forma como os assentados rurais organizam seus lotes e suas estratégias de produção possui reflexos do passado e anseios ligados às projeções futuras. Bourdieu reforça a posição social do agente, sua situação atual e sua trajetória pessoal, enfatizando que as diferenças das posições sociais modelam o habitus e os estilos de vida, o modo de falar, as escolhas que realiza, as preferências de consumo e os gostos culturais.

Esta ideia nos permite olhar de forma mais ampla para as estratégias diversificadas promovidas pelo Sr. Alvino e Sra. Maria da Glória, bem como para os questionamentos em torno de como elas surgem e se mantêm dentro de uma realidade adversa e complexa, como os assentamentos rurais. O habitus nos parece determinar estratégias que não são organizadas e planejadas de forma consciente, mas sempre se adequam a situação.

Conforme relataremos a seguir o Sr. Alvino e a Sra. Maria construíram seu modo de vida ao longo do tempo baseados em suas muitas e diferentes vivências que trouxeram aos mesmos muitas possibilidades para repensar constantemente suas estratégias. As famílias buscam desenvolver diferentes estratégias para tornar viável a produção em seu lote, e desenvolvem concomitantemente conjuntos de situações onde a reprodução não é apenas material e produtiva, mas social, cultural e ideológica.

Sem acreditar nas determinações estruturais como verdade absoluta, nem desprezando-as, consideramos que faz-se necessário portanto discutir os modos de vida adotados por este casal de assentados, como maneira de compreender de fato como os mesmos viabilizaram suas estratégias ao longo do tempo.

O modo de vida, mesmo que não sendo por vezes resultado de decisões carregadas de razão e lógica, constitui-se como fator histórico e, portanto, em constante construção. Há uma profunda interdependência entre modo de vida e as condições de vida, que são um constante movimento de construção e reconstrução, definidas e redefinidas, criadas e recriadas, num espaço social em que dificuldades, sucessos ou insucessos devem ser compreendidos para além do seu significado material. Com estas

concepções nos lançamos neste desafio.

1 - HISTÓRIA E TRAJETÓRIA

1.1 Localização

Na Região Central do Estado de São Paulo, universo desta pesquisa, temos peculiaridades importantes, que fazem deste território um modelo de como o processo de modernização da agricultura transformou a vida no campo, trazendo grandes conquistas para o agronegócio e graves questões sociais e ambientais para toda sociedade. Haja vista que as terras agricultáveis da região em grande parte, são destinadas a cana-de-açúcar, no município de Araraquara, por exemplo, são 49 mil hectares, ou 49% de toda a área do município.⁵

Criada pelo Governo do Estado de São Paulo, e modificada através do Decreto 32.141, de 14 de agosto de 1990⁶, a Região Central é uma maneira de organizar segundo as vocações econômicas os municípios paulistas. Conhecida por seus inúmeros complexos sulcoalcooleiros a Região Central do Estado de São Paulo compreende a reunião de 26 municípios paulistas, em uma área total de 11,018 km², sua população é de cerca de 1,007,551 habitantes⁷ é palco principal do agronegócio, sendo responsável por uma parte muito expressiva das exportações deste setor.

Em 2011, a indústria sucroalcooleira paulista produziu 21 milhões de toneladas de açúcar e 11 milhões de metros cúbicos de etanol, que representam, respectivamente, 58% e 51% do total produzido no Brasil. Entre 2001 e 2011, a produção paulista de açúcar cresceu 121% e a de álcool 82%, impulsionada pelo mercado estadual de biocombustíveis. As exportações da cadeia produtiva da cana/sacarídeos somaram US\$ 9,29 bilhões, em 2010, representando 67% das exportações brasileiras

⁵ Fonte: IBGE: Produção Agrícola Municipal 2009.

⁶ O Decreto no 32.141, de 14 de agosto de 1990, alterou a redação do inciso VI do artigo 4o, do Decreto no 26.581, de 05 de janeiro de 1987, relativo à Região Administrativa de Ribeirão Preto, e incorporou a esse artigo os incisos XII, XIII e XIV, correspondentes às Regiões Administrativas Central, Barretos e Franca, respectivamente. Biblioteca Virtual do Estado de São Paulo. Disponível em: <http://www.bibliotecavirtual.sp.gov.br/pdf/saopaulo-regioes.pdf> Acesso em: 13 mai.2013.

⁷ Dados IBGE 2013.

desse segmento. O principal produto foi o açúcar, com US\$ 8,62 bilhões.⁸

A agricultura capitalista se apropriou do termo agronegócio, afim de esconder seu caráter concentrador, predador, expropriatório e excludente, o agronegócio é uma construção ideológica que visa atualizar a imagem da agricultura capitalista, para “modernizá-la”. O sistema agrícola do agronegócio prevê a acumulação, o trabalho assalariado e a produção em grande escala, seu modo de funcionamento global tem predomínio do capital financeiro e se orienta para o mercado externo, diferentemente do sistema agrícola utilizado pelos assentados, onde há predominância do trabalho familiar e a produção em pequena escala, com valorização da produção em nível regional e com produtos próprios de cada localidade.

O capital, no entanto, controla a tecnologia, o conhecimento, o mercado, as políticas agrícolas, a acumulação e o lucro fazem parte da lógica do agronegócio, a produção no assentamento tem seu foco na economia familiar, na busca pela autonomia de seus agentes.

As propriedades privadas de terra são as condições efetivas para a reprodução do capitalismo no campo, deste modo, o agronegócio organiza-se para produzir mercadoria e os assentados rurais para sobrevivência com qualidade de vida para suas famílias.

Ambas formas de agricultura promovem modelos divergentes de desenvolvimento, neste contexto vão surgir muitos debates e lutas, que vão compor este complexo e multifacetado cenário da Região Central do Estado de São Paulo

⁸ Investe São Paulo. Disponível em: <http://www.investe.sp.gov.br/setores/cana> Acesso em: 17 nov. 2012.

1.2 Quem são os assentados rurais?

A dificuldade de se reconhecer o valor da zona rural e da produção de alimentos nas formações históricas deriva do poder do urbano sobre o rural, que se formou a partir da Renascença e se consolidou após a Revolução Industrial. Com base nesse continuum histórico, uma vasta gama de preconceitos foi sendo elaborada e chega a atuar como obstáculo epistemológico à compreensão do rural, inclusive em estudos científicos. (WHITAKER, 2009).

Para tentarmos desvendar quem são os assentados rurais, faz-se necessário percorrer, mesmo que de forma breve, a trajetória de como surgiram os assentamentos rurais, deste modo, e sem a pretensão de esgotar a complexa questão agrária brasileira, começamos por destacar alguns pontos acerca das questões que envolvem a histórica concentração de terras no Brasil. Encontramos em nosso processo de formação territorial elementos que contribuem enormemente para a excessiva concentração de terras, como por exemplo, no período da colonização após o regime de sesmarias, onde o Estado doava grandes extensões de terra, a quem lhe fosse conveniente, depois com as Leis de Terra em 1850⁹ onde a comercialização das terras passa a segregar de forma efetiva os que, por ela, não podiam pagar, assim em nosso território vai perdurar as ideias de exploração e escravização que vão fazer também girar a economia em favor dos mais afortunados. Questões estas que vão se arrastar por décadas.

Com a evolução de nossa sociedade, surgem ideias de que a terra precisava ser dividida entre todos e de forma justa, surgem também muitas discussões durante os governos militares, onde os movimentos sociais vão se organizar de forma efetiva e adquirir força.

Com muitas lutas, conquistas e derrotas a reforma agrária em nosso país, caminha a passos bem lentos e tem inúmeros projetos inconclusos, que fazem parte da

⁹ Em 1850, mesmo ano da abolição do tráfico de escravos, o Império decretou a lei conhecida como Lei de Terras, que consolidou a perversa concentração fundiária. É nela que se encontra a origem de uma prática trivial do latifúndio brasileiro: a grilagem de terras – ou a apropriação de terras devolutas através de documentação forjada – que regulamentou e consolidou o modelo da grande propriedade rural e formalizou as bases para a desigualdade social e territorial que hoje conhecemos. MST. Lutas e Conquistas. 2 Ed. 2010. Disponível em: <http://www.mst.org.br/sites/default/files/MST%20Lutas%20e%20Conquistas%20PDF.pdf> Acesso em 25 mar.2013.

lógica capitalista, que sempre reconcentra terras e leva a um novo processo de reforma agrária. Assim, a grande propriedade, mais do que uma condição de produção é “sistema de poder”. (FURTADO, 1972) O mesmo movimento de aprofundamento do capital reproduz a concentração da terra.

Neste contexto, após muitas lutas, muitas foram às experiências que se destacaram, os assentamentos rurais, surgem como sinais de esperança em meio a tantas desigualdades. Assim, faz-se necessário definir o que são os assentamentos rurais. Segundo BERGAMASCO os assentamentos rurais podem ser definidos como:

a criação de novas unidades de produção agrícola, por meio de políticas governamentais, visando o reordenamento do uso da terra; ou a busca de novos padrões sociais na organização do processo de produção agrícola: (a) projetos de colonização; (b) reassentamento de populações atingidas por barragens; (c) planos estaduais de valorização das terras públicas e de regularização possessória; (d) programas de reforma agrária; e (e) criação de reservas extrativistas.(BERGAMASCO, NORDER, 1996).

Para Furtado os assentamentos são

à instalação de novas propriedades agrícolas, como resultado de políticas públicas, objetivando uma redistribuição de terras menos concentradora, cujos envolvidos são os trabalhadores rurais sem-terra e aqueles com pouca terra. O termo assentamento, introduzido pelos órgãos oficiais, dá idéia de alocação, de fixação dos trabalhadores na agricultura, daí o surgimento de uma nova categoria no espaço rural, o assentado. Esta terminologia tenta ocultar uma ação anterior dos trabalhadores que lutaram com denodo pelo direito à terra. Esses bóias-frias, posseiros, meeiros, arrendatários ou pequenos proprietários que perderam suas terras, posições ocupadas antes do assentamento, jamais foram lembrados pelos tecnocratas como ocupantes, pois, assim fazendo, os estariam considerando sujeitos do processo e não beneficiários como são cognominados. (2000)

Os assentamentos são sinais visíveis do que uma justa distribuição de terra, pode promover mudanças efetivas e duradouras em todo o contexto social e de modo particular, aos trabalhadores rurais demandantes de terra.

“A criação de um projeto de assentamento é, por um lado, o produto formal de um ato administrativo, este expresso no decreto de desapropriação de uma determinada área rural sob propriedade privada para fins de reforma agrária. Por outro lado, e na maioria das vezes na história recente da reforma agrária no país, a criação de um assentamento é produto, também e sobretudo, de lutas sociais bastante prolongadas pela redistribuição da posse da terra. Portanto, o assentamento expressa no momento da sua criação um ponto de inflexão histórico entre dois processos políticos e sociais e, portanto, uma transição histórica mais complexa do que o mero ato administrativo da sua criação formal. Nesse momento encerra-se um determinado processo político- social onde o monopólio da terra e o conflito social localizado pela posse da terra são superados e imediatamente inicia-se um outro: a constituição de uma nova organização econômica, política, social e ambiental naquela área, com a posse da terra por uma heterogeneidade social de famílias de trabalhadores rurais sem terra” (CARVALHO, 1999).

Em 1964 o Estatuto da Terra traz a agricultura brasileira as idéias de modernização alavancadas pelo capitalismo e experienciadas nos Estados Unidos, os insumos e as máquinas começam a fazer parte do cotidiano e a transformá-lo de forma muito acelerada, o que ocasionou mudanças profundas no modo de compreender a vida na terra e o trabalho no campo. Com a chegada da modernização da agricultura os trabalhadores rurais que foram desapropriados de suas terras e tiveram seu trabalho precarizado, devido a mecanização da produção, vão ser, em sua maioria, os bóias-frias¹⁰ que trabalham com frequência em condições indignas, outros vão ser demandantes por terra, e tentar retornar à vida na zona rural.

Modernizar de forma demasiada a agricultura parece-nos impróprio em todos os sentidos, pois mantém a injustiça social onde as formas degradantes de trabalho prevalecem, e a expansão da mesma sempre gera imensa degradação ambiental.

Estes trabalhadores rurais, que misturaram seus saberes aos dos habitantes desta terra, fizeram parte destas transformações da sociedade e adaptaram seu modo de ser e estar no campo, até que a modernização precarizou o trabalho e/ou expulsou muitos trabalhadores de suas terras. Contudo, estes trabalhadores essenciais à manutenção do sistema ao longo da história foram se organizando e reivindicando a terra que lhes é de direito, são estes trabalhadores, os assentados rurais.

¹⁰ Na região de Araraquara, interior paulista, agricultores familiares, cujo modo de vida sofreu rupturas com o processo de modernização agrícola, tornaram-se força de trabalho para a agroindústria canavieira, como bóias-frias. (FERRANTE, VALENCIO, DUVAL, 2009).

Os assentados após a conquista do seu lugar de viver e produzir, vão se organizar e trazer a tona uma série de questões de amplo espectro, como a organização e a garantia dos direitos básicos nos assentamentos, a gestão e formas de produção.

O Assentamento constitui uma unidade social local de construção de identidades de pertencimento, a partir da vivência de experiências comuns. Sua especificidade decorre do fato de que, neste espaço, se objetivam rupturas nas posições sociais e, por conseqüência, nas relações de poder e na visão de mundo, cujos desdobramentos são de diversas ordens. A organização social revela a constituição ou a reconstituição de posições sociais mediante jogo de forças em que se destacam as demandas e as pressões dos que se desejam beneficiários da propriedade da terra. Expressa ainda efeitos que tal aquisição assegura, benefício cuja possibilidade depende de intervenções imediatas ou anunciadas por uma autoridade estatal, de rede de relações onde interagem seus demandantes, opositores, apoiadores e mediadores.¹¹

Faz-se necessário reconhecer quem de fato são estes trabalhadores, que compreendem a terra como sua raiz, terra esta que está ligada a sua trajetória e a de sua família, pois é a história e o modo de vida dos mesmos que vai moldar o contexto da zona rural em nosso Estado, assim o sujeito social assentado deve ser compreendido em suas múltiplas faces e histórias.

Este modo de vida tem carregado em si um passado de muitas lutas em um processo de idas e vindas entre campo e cidade.

Estas inúmeras particularidades não podem ser ignoradas, os assentados rurais são uma população marcada por uma gama de fatores amplos e diversos, cheios de condicionantes que nos impedem de sugerir qualquer tipo de tipificação que não contemple a diversidade de suas características.

Em nosso Estado até a localização dos assentamentos rurais nos sugerem inúmeras diferenças entre eles. Atualmente, temos assentamentos rurais nas regiões do Pontal do Paranapanema, Andradina, Promissão, Araraquara e Grande São Paulo que juntos somam 20.584 famílias. Sob a responsabilidade do Governo Federal (INCRA) e

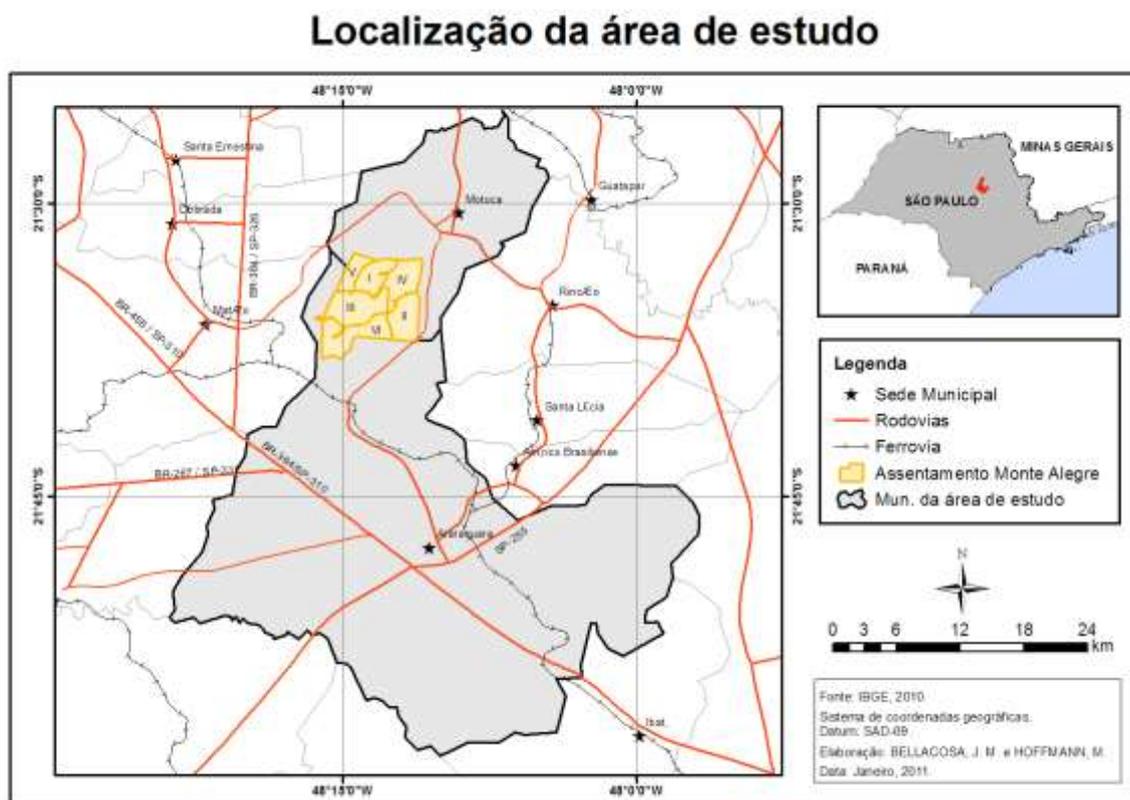
¹¹ NEVES, Delma Pessanha. Assentamento rural: confluência de formas de inserção social. Disponível em: <http://r1.ufrj.br/esa/art/199910-005-028.pdf> Acesso em: 04 abr. 2013.

do Governo Estadual (ITESP). Sendo que, 10.384 estão famílias sob a tutela do INCRA, e o ITESP tutela outros 10,2 mil famílias em 172 assentamentos rurais presente em 54 municípios. Sendo, que a maior parte dos assentamentos está na região do Pontal do Paranapanema, com mais de 5,7 mil famílias.

Em Araraquara e região constituíram-se ao longo de 20 anos três diferentes projetos de assentamento, sendo o P.A. Monte Alegre e o Horto Bueno de Andrada de responsabilidade do ITESP e o P.A. Bela Vista do Chibarro esta sob a tutela do INCRA. (FERRANTE, BARONE, 2010). A seguir detalhamos a história do P.A. Monte Alegre.

1.3 Aspectos históricos: O Assentamento Monte Alegre

Figura 2: Localização do Assentamento Monte Alegre no mapa do município de Araraquara e Motuca



A formação do P.A. Monte Alegre (Figura 2) com suas conquistas e desafios foi

contada ao longo dos tempos por Antuniassi, Aubrée e Chonchol 1993, Duval 2009, Ferrante e Barone 2010, Bellacosa 2012, entre outros. O mesmo continua objeto de inúmeras investigações devido sua importância no cenário da região central do Estado de São Paulo.

Com a mecanização da produção avançando por todo o Estado de São Paulo os trabalhadores rurais assalariados¹² insatisfeitos com as condições de trabalho, de modo particular com o aumento do número de ruas para o corte da cana, se mobilizaram e organizaram greves, suas reivindicações tomaram corpo, e aos poucos com o auxílio dos sindicatos, estes trabalhadores foram conquistando suas terras.

A ocupação das terras da FEPASA¹³ cobertas por vestígios de florestais ocorreu em 1985 dando lugar a famílias de trabalhadores rurais sem-terra, que com a força de seu trabalho enfrentaram as contradições econômicas, políticas e ambientais para constituir o assentamento Monte Alegre.

A fazenda Monte Alegre, foi uma monocultura de eucalipto por quarenta anos, portanto era uma terra pública já não utilizada pela FEPASA, que enfrentava dificuldades em ser mantida pelo Estado e foi reivindicada por não cumprir função social. A madeira da fazenda era utilizada para produção de celulose para empresas privadas.¹⁴

No assentamento Monte Alegre, nos primeiros anos agrícolas enfrentados pelas famílias ali assentadas (1985-1986), o ITESP, com a anuência da liderança sindical que encabeçou a luta desses trabalhadores, impôs a produção coletiva de grãos (arroz, amendoim e milho). Essa estratégia, racional do ponto de vista técnico, redundou

¹² Entre os vários núcleos, a maior frequência de ex-bóias-frias ocorre os núcleos IV e III, onde 90% e 83% dos agricultores assentados, respectivamente, foram assalariados rurais; a seguir encontra-se o núcleo I do mesmo assentamento, com 71% de frequência, e o núcleo II, este com 65% de ex-assalariados rurais. No projeto Bela Vista do Chibarro, 50% dos assentados vieram do assalariamento rural.

¹³ A empresa Ferrovia Paulista S.A, instituída pelo decreto nº 10.410, de 28 de outubro de 1971, é o resultado de um longo processo de estatização das ferrovias em São Paulo que, sob controle privado, começaram a dar prejuízos a seus proprietários. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/exposicao_ferrovias/fepasa.php Acesso em: 10 mar.2013.

¹⁴ Autoconsumo e as escalas de diversificação agrícola em um assentamento rural. DUVAL, FERRANTE e BERGAMASCO
Disponível em: http://www.ufcg.edu.br/~raizes/artigos/Artigo_292.pdf Acesso em:30 jun.2012.

em desavenças entre os trabalhadores – e destes com os técnicos – o que prejudicou o planejamento econômico e as alternativas produtivas que privilegiassem as expectativas dos assentados. Além disso, um cronograma de investimento truncado levou a uma queda brusca da produtividade, e, conseqüentemente, à inadimplência dos assentados. Em poucos anos, essa situação cria uma expectativa nos trabalhadores em relação a uma proposta do plantio da cana-de-açúcar no assentamento, em parceria com uma usina do município de Motuca (STETTER, 2000). Desde 1993, a implantação da cultura canavieira tem dividido o assentamento, mesmo depois de uma regularização feita pelo ITESP, em 2002 – na prática, uma vitória dos patrocinadores da cana na Monte Alegre. (FERRANTE, BARONE, 2010).

Sem a pretensão de revelar a origem de cada família do P.A. Monte Alegre a tabela abaixo (1) fornece um panorama geral do início do assentamento, ao longo do tempo, famílias desistiram de seus lotes, novas famílias de diversos lugares foram chegando, soma-se a isso agregados que se uniram a donos de lotes. O P.A. Monte Alegre foi se constituindo aos poucos em diferentes momentos históricos, por trabalhadores rurais com diferentes origens, o que resultou em uma miscelânea de culturas, anseios e trajetórias diversas, conforme apresentamos na tabela abaixo:

Tabela 1: Formação do Assentamento Monte Alegre¹⁵

Núcleo	Ano de formação	Origem dos trabalhadores	Forma de Ocupação
I	julho de 1985	Famílias de Pontal, Urupês e Cravinhos	Ocupação
II	outubro de 1985	Famílias de Sertãozinho e região anteriormente acampadas em Pradópolis	Alocados após invasão em Guarani e Pradópolis
III	agosto de 1986	bóias-frias de Minas gerais	Selecionados pelo STRA
IV	novembro de 1986	Trabalhadores de Guariba ligados a lideranças políticas locais	Ocupação

¹⁵ Com informações de BELLACOSA, 2012.

Núcleo	Ano de formação	Origem dos trabalhadores	Forma de Ocupação
V	1989	Famílias de Sertãozinho	Ocupação
VI	1997		Ocupação

Fonte: Michelle R. P. Costa, abril de 2013.

Existem contudo uma série de detalhes na composição dos núcleos IV¹⁶, V e VI¹⁷ que torna evidente a característica multifacetada da formação do P.A. Monte Alegre, bem como evidencia os desafios de organização de um grupo, que acabou por se estender a outro P.A. devido as inúmeras demandas, conforme descreve Bellacosa

Em 1998, nova ocupação foi realizada na fazenda por 27 famílias de trabalhadores rurais na área da sede da Fazenda Monte Alegre (escritório central), administrada pela Companhia de Desenvolvimento Agrícola do Estado de São Paulo (CODASP), após inscrição/cadastramento destas famílias. Em novembro do mesmo ano, 19 delas foram assentadas nesta área, hoje denominada Projeto de Assentamento Horto de Silvânia, considerada um anexo do Projeto de Assentamento Monte Alegre, enquanto as outras oito famílias restantes foram assentadas em 2002. (2012).

Entre muitas idas e vindas de ideias e projetos o assentamento foi se organizando e constituindo-se. Atualmente a Fazenda Monte Alegre conta com 6 núcleos (Figura 3) e um total de 358 lotes agrícolas.

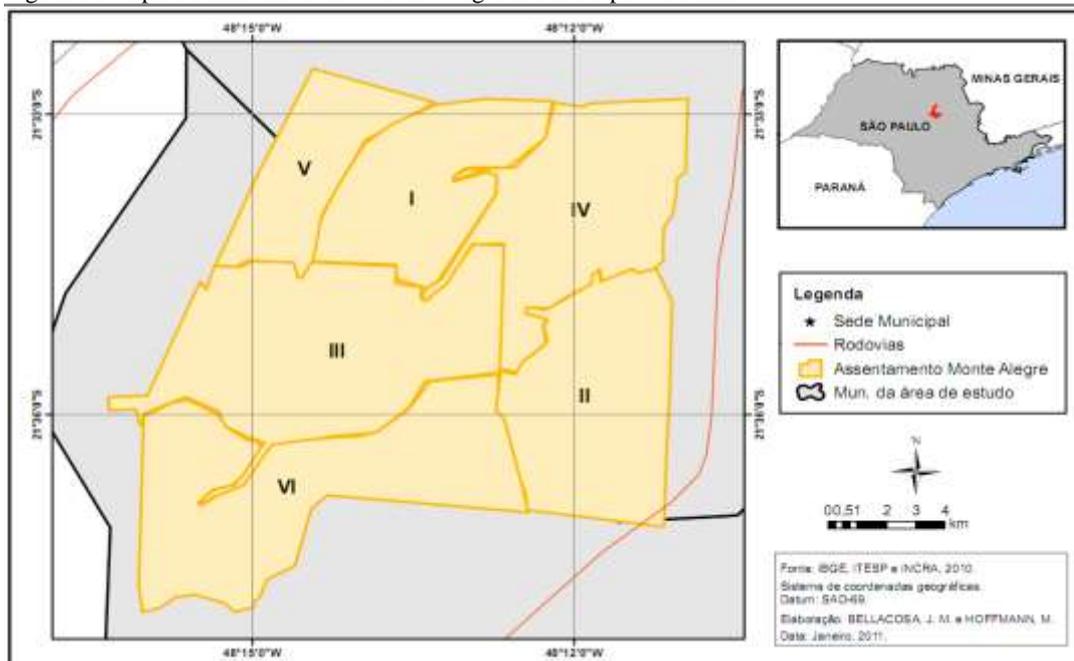
¹⁶ Em 1987, uma quinta área da fazenda Monte Alegre foi ocupada por 65 famílias provenientes de Sertãozinho-SP; destas, 35 permaneceram. O grupo foi alocado para lotes vazios nos núcleos já existentes: 12 famílias foram para o núcleo I, 11 famílias foram colocadas no núcleo IV, e, 12 famílias restantes foram transferidas, no ano seguinte, para outro Projeto de Assentamento (Assentamento Bela Vista do Chibarro em Araraquara). Esta quinta área ficou desocupada até novembro de 1989, quando 42 famílias a ocuparam, reivindicando a área. Dessas 42 famílias, 35 persistiram no local e foram regularizadas em 1991, formando o núcleo V do Monte Alegre (KURANAGA, 2006).

Dada à existência de 22 lotes agrícolas vazios nas áreas já implantadas, em julho de 1990 foi aberto cadastramento para seleção de novos beneficiários e, em novembro do mesmo ano, os lotes foram ocupados.

¹⁷ Em 1997, 250 famílias ocupam a última área do Projeto de Assentamento Monte Alegre, das quais 179 são assentadas: 88 ficam na área ocupada que constitui o núcleo VI e as 91 famílias restantes são distribuídas em lotes vagos dos núcleos I, II, III e IV (GAVIOLI, 2010).

A criação de um P.A. é produto de um ato administrativo mas também e sobretudo, muitas vezes, de lutas sociais inicia-se assim a uma nova forma de organização social, econômica e política que vai ser composta pela grande heterogeneidade de famílias que fazem parte do assentamento.

Figura 3: Mapa do assentamento Monte Alegre dividido por núcleos



Fonte: Bellacosa, 2012.

A fazenda tem um total de 6.599,16 hectares, entre lotes agrícolas, agrovilas, áreas de reserva legal e de proteção permanente. Conforme a tabela(2) abaixo, contam 4960ha, de área agrícola.

Tabela 2 - Núcleos do Assentamento Monte Alegre

Município	Projeto de Assentamento	Início	Domínio da Terra	No. De Lotes	Área Total (ha)	Área Agrícola (ha)
Motuca	Monte Alegre 1	mai/85	Estadual	49	726	684
Motuca	Monte Alegre 2	out/85	Estadual	62	858	858
Araraquara	Monte Alegre 3	ago/86	Estadual	76	1.100	1.036
Motuca	Monte Alegre 4	ago/86	Estadual	49	679	679

Motuca	Monte Alegre 5	out/91	Estadual	34	484	451
Araraquara	Monte Alegre 6	mai/97	Estadual	88	1.254	1.252
Total				358	5.100	4.960

Fonte: ITESP, 2010. Org. BELLACOSA, Julia.

Constituir um assentamento e garantir os direitos básicos às famílias não é tarefa simples, soma-se a estes, os desafios diários de convivência com pessoas de crenças, culturas, valores e modos de vida diferentes umas das outras. Fazem parte deste contexto, a falta de planejamento por parte dos órgãos gestores, a falta de um cronograma de investimentos, uma insuficiente e desestruturada assistência técnica.

O P.A. Monte Alegre foi por longos anos uma grande ilha, pois distante dos centros urbanos e sem transporte o que também privou os assentados de acesso à saúde e educação, bem como careciam também de infra-estrutura básica como: rede elétrica, irrigação, estradas, moradias, falta de recursos financeiros.

Neste contexto fica evidente que o grande divisor de águas na história do assentamento Monte Alegre é a entrada da produção de cana-de-açúcar. A expansão da área agricultável das usinas não poupou os assentamentos que em sua maioria, contraditoriamente trocaram a terra antes improdutiva da FEPASA pela monocultura da cana.

1.4 - Formas de produção no assentamento

Destacamos as experiências diversificadas que foram construídas nestes 27 anos de existência do P.A. Monte Alegre, que passou por inúmeras fases, nos primeiros anos agrícolas, a produção coletiva de grãos que foi imposta pelo próprio ITESP (FERRANTE, BARONE, 2010), a cana-de-açúcar nos anos 90 que surge como uma alternativa aos desafios de constituir uma renda, acaba por se revelar como uma estratégia sem a rentabilidade esperada e muito sujeita a variações do mercado de açúcar e álcool, conforme descreve Duval, 2009.

Ns primeiros anos agrícolas, por imposição do ITESP, grãos como milho, soja e

feijão foram motivos de duas safras desastrosas. A falência de um projeto coletivo nos primeiros anos agrícolas pode ter ocorrido por desconhecimento dos mecanismos de funcionamento de cooperativas, dificuldades para gerir a própria produção, as diferentes origens e culturas dos assentados que ocasionou divergências.

Após o abandono do projeto coletivo vão se intensificar as produções de auto-consumo.

A trajetória produtiva dos agricultores assentados nessa região oscilou, desde meados da década de 1980, entre a produção de grãos nos anos iniciais, uma busca por diversificação agrícola que vai da fruticultura a algumas experiências isoladas de produção orgânica, chegando a uma mal resolvida (política e juridicamente) integração ao complexo agroindustrial sucroalcooleiro. (FERRANTE, BARONE, 2009)

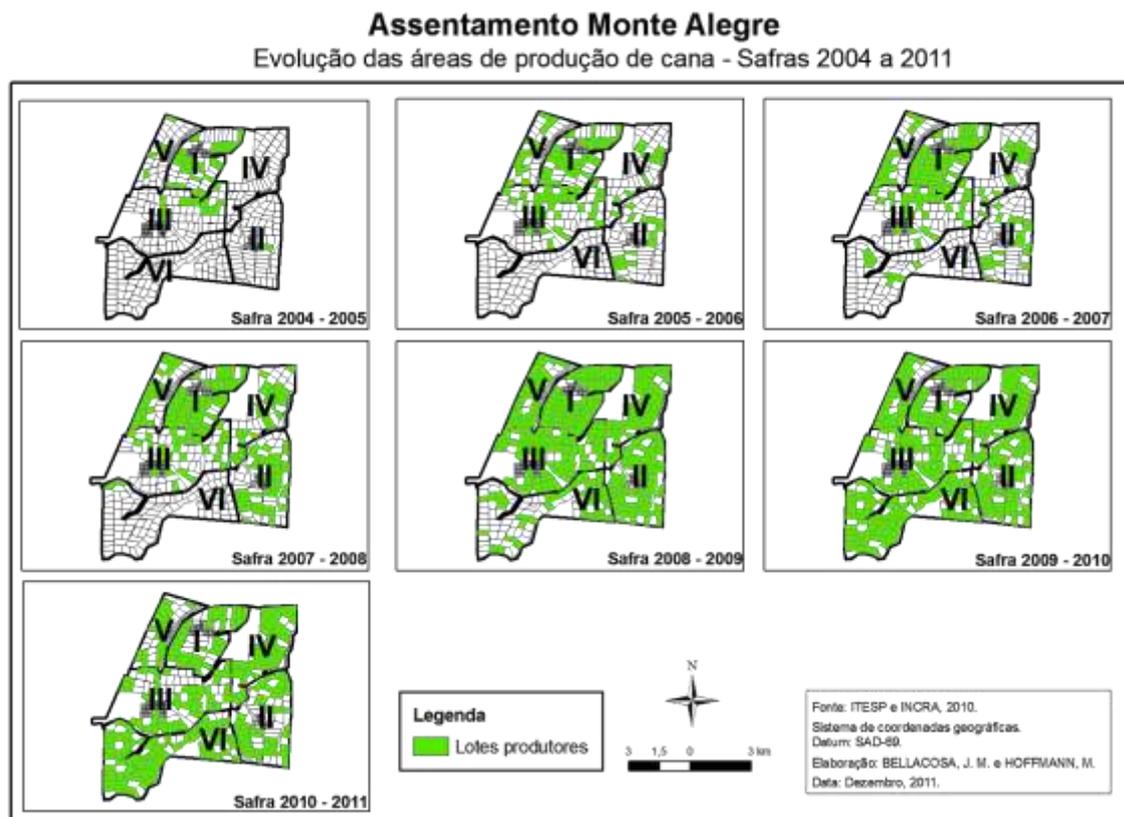
O P.A. Monte Alegre conforme já descrevemos iniciou sua trajetória com muitas dificuldades para se consolidar e garantir direitos básicos as famílias, assim a suscetibilidade as idéias de progresso fizeram com que, aos poucos as usinas, já com falta de terras para cultivo, aliciassem poder público e assentados para o seu projeto.

A cana no assentamento é uma imensa contradição, pois o sistema agrícola do agronegócio adotado pelas usinas em nada tem a ver com a agricultura que os assentados buscam praticar. Para as usinas vale a produção em grande escala a acumulação, e a precarização do trabalho, este sistema concentra, expropria e exclue.

As famílias assentadas produzem em pequena escala, com respeito a biodiversidade. Prevalece portanto, a lógica do mais forte, deste modo, são os assentados que se submetem a hegemonia do capital.

Assim há uma grande aceitação das famílias com o Projeto Cana, em 2004 11% das famílias ingressaram na “parceria”, na safra 2009/2010 foram 79%, a questão central é, portanto, que o assentamento Monte Alegre foi de forma gradativa tornando-se um mar de cana, conforme o mapa abaixo evidencia (Figura 4):

Figura 4: Evolução das áreas de produção de cana - Safras 2004 a 2011



Fonte: Bellacosa, 2012.

As questões que envolveram a entrada da cana no assentamento Monte Alegre representaram obstáculos ao modo de vida dos assentados, pois não houve uma integração completa dos agricultores ao processo produtivo, visto que o mesmo é excludente de mão de obra.

Este número é ainda mais expressivo quando analisamos o número total de famílias que aderiram ao projeto nesses últimos sete anos. Para termos uma idéia, desde que a “parceria” para o plantio de cana começou no assentamento, 89% das famílias ingressaram no projeto em algum período dessas sete safras. Significa dizer que somente 41 famílias, de um total de 358, optaram por não produzir cana até a safra 2010/2011. (BELLACOSA, 2012)

Contudo a uma dialética que envolve todo o processo, pois mesmo com os empecilhos impostos pela atividade canavieira, houveram espaços de resistência, pois com recursos os assentados puderam plantar diferentes cultivos na metade restante dos

lotes. O que evidencia que mesmo em uma escala reduzida, a cana divide espaço com uma produção diversificada.

Muitas foram as lutas para sustentar o P.A. Monte Alegre, desde a produção de grãos no início do assentamento, passando pelas estratégias solitárias dos assentados, até chegar nas possibilidades junto as usinas de cana-de-açúcar, onde surgem e nascem diariamente novos modos de vida que se reconstroem e se organizam para sobreviver.

1.5 - Estratégias de comercialização e renda: Uma estratégia familiar?

A comercialização sempre foi considerada uma dos maiores obstáculos para o crescimento econômico do produtor rural, especialmente para os assentados pela reforma agrária.¹⁸ Para os assentados rurais muitas são as incertezas que envolvem sua produção e comercialização, o clima que pode contribuir ou destruir, as imprevisibilidades que geram custos e demandam recursos que podem chegar ou não. Por reconhecer estes inúmeros desafios desejamos ir além e descrever as estratégias encontradas pelos assentados.

Coletivamente ou não, alguns e poucos assentados conseguem romper com o esquema de comercialização via intermediário e comercializam direto nas feiras, no varejo e até mesmo em centros atacadistas ou ainda fornecem para empresas, [...] Entretanto, embora isso represente a chance de se conseguir melhores preços pelos produtos é preciso equacionar o custo benefício, pois o aumento das despesas é visível quando se opta pela comercialização direta, englobando transporte, embalagens, mão-de-obra, geralmente deslocada da produção, mas quase nunca computada pelos assentados. SANT'ANA et al (2008)

As feiras livres, a entrega de alimentos para o CEASA e/ou para programas

¹⁸ Sônia Maria de Oliveira Eliane de Jesus Teixeira Mazzin. Estratégias de comercialização de agricultores assentados no estado de São Paulo. Trabalho apresentado no VIII Congresso Latinoamericano de Sociologia Rural, Porto de Galinhas, 2010.

como o PAA são estratégias¹⁹ muito utilizadas pelos assentados.

Mesmo com as imposições ora do ITESP, ora das usinas, experiências diversificadas vão surgir e se manter, agricultores adeptos e com experiências em tipos diversos de agricultura conseguem produzir e comercializar sua produção, conforme aponta Whitaker, 2008. Os cultivos para auto-consumo vão ao longo desta trajetória representar importantes práticas de diversificação. As estratégias dos assentados de reforma agrária da Fazenda Monte Alegre produziram uma série de transformações no meio ambiente, tais como: o aumento da diversidade dos sistemas agrícolas e a criação de uma heterogeneidade no espaço físico da área. (WHITAKER, FIAMENGUE, 2000). As produções para autoconsumo, são também uma constante, que vão garantir a segurança alimentar dos assentados.

As produções de auto-consumo são as primeiras a surgir quando é implementado o assentamento, trazendo consigo as práticas agrícolas enraizadas culturalmente. Temos comprovado que esse modo de vida contribui com questões ambientais e ecológicas. (FERRANTE, DUVAL, 2006).

Estratégias utilizadas pelos assentados como a utilização de calcário para correção de acidez do solo, o combate às pragas através de plantio de culturas intercaladas, utilização de materiais orgânicos (excedentes de produção, esterco, folhagens) e manejo de animais, sem a utilização de agrotóxicos e/ou adubação química, o “feijão de porco” ou “feijão mucuna”, a formiga cortadeira usados no combate às pragas.

Na Monte Alegre, no lote da produção, o plantio de arroz, do feijão carioquinha ou feijão de corda) cede espaço ao milho destinado ao gado, a pequena produção de leite para o consumo da família e para os bezeros. A sericicultura também esta presente, se bem que mais

¹⁹ A diversidade se manifesta ainda nas estratégias que os produtores utilizam para colocar seus produtos no mercado, pois embora as feiras - livres sejam predominantes, os produtores também realizam vendas nos estabelecimentos, nas ruas/residências, barracas, pequenas casas comerciais, mercado institucional, outros produtores, por meio de rede de parentesco, pontos comerciais informais na cidade (uma esquina em determinado horário), supermercados com abrangência local/regional ou até mesmo enviam pelos correios. (FERRANTE e BARONE, 2011).

localizada no núcleo IV, com participação crescente de mulheres. A fruticultura tem ganho, passo a passo, maior folego. Estão sendo cultivadas, por quase todos os assentados, mudas de frutas, especialmente a manga, o limão e a poncã. (FERRANTE, 2000).

A professora Dulce Whitaker e Elis Cristina Fiamengue descrevem quatro modelos de produção diferenciados nos lotes da Fazenda Monte Alegre, o que demonstra que de diferentes formas os assentados produzem de forma diversificada e contribuem para a manutenção sustentável do assentamento. Whitaker destaca 5 níveis de diversidades encontradas nos lotes da Fazenda Monte Alegre que destacamos abaixo:

1. Formação de mosaicos na paisagem.

O solo coberto pela diversas culturas, criações e formas alternativas de produção é responsável pela composição de um mosaico na paisagem.

2. Diversidade de produção entre os lotes

Cada lote possui diversos e diferentes cultivos, Whitaker destaca a criação de gado leiteiro para produção de queijos e doces, ou para comercialização do leite como produto final, criação de bicho-da-seda, de carpas, de rãs, além das criações de subsistência (galinhas, porcos, etc.), o cultivo de frutas e hortaliças diversas, de mandioca, sendo que alguns cultivam cereais de subsistência (feijão, milho, arroz, etc.).

3. Diversidade interna dos lotes

No interior de cada lotes reconhecemos diversos sistemas de produção organizado e desenvolvido por cada família.

4. Diferentes formas de produção e o uso criativo de recursos

As diferentes formas de utilização criativa dos recursos, como: circuito interno de reciclagem, frutas para alimentar gado, a utilização de culturas intercaladas, entre outros. Plantio de diversas culturas (frutas, verduras e hortaliças), algumas oriundas de outros estados.

6. Diversidade de consumo na mesa dos assentados e nos produtos comercializados no mercado.

Consome-se e comercializa-se laticínios, frutas e doces, hortaliças e legumes, fio de seda, galinhas e ovos, peixes e rãs, porcos e coelhos. (WHITAKER, FIAMENGUE, 2000).

A trajetória dos assentados rurais e a história do assentamento Monte Alegre nos remetem a muitas lutas e desafios. Porém, existem relatos²⁰ (este pretende ser um deles) de experiências que para os assentados podem indicar contrapontos, alternativas de produção e reprodução social nos assentamentos.

O inventário de alguns lotes na região de Araraquara nos surpreende com hortas e pomares de ricas variedades. Além disso, um pequeno número de cabeças de gado determina criatividade e diversidade no uso do leite. Galinhas e porcos “passeiam” pelos terreiros à moda antiga, enquanto técnicas modernas permitem a criação de peixes e rãs em tanques e reservatórios. Alguns se dedicam a sericicultura, outros fabricam farinha de mandioca, alguns vendem o leite para usina, outros preferem produzir queijos e com o soro alimentar os porcos. Verdadeiros sistemas agrícolas se formam a partir de diferentes atividades integradas pelos agentes humanos na situação. (WHITAKER, 2008).

Com o intuito de encontrar outras experiências diversificadas organizadas e geridas por assentados rurais como a do Sr. Alvino e da Sra. Maria da Glória e poder discutí-las, ampliando nossa reflexão, buscamos na literatura e via internet, contudo encontramos somente empresas e ou associações que comercializam cestas de produtos orgânicos, nada foi encontrado relativo ao trabalho de assentados rurais neste formato.

Deste modo, registramos aqui 18 serviços de entregas de cestas de produtos orgânicos no Estado de São Paulo, sendo que destes, 2 se denominam empresas de comércio justo, 1 é uma associação e 2 são grupos de agricultores que se organizaram.

Os serviços oferecidos são estruturados e em sua maioria consolidados no mercado. Ter uma loja virtual requer recursos financeiros e tecnológicos, mão de obra qualificada não só para ter produtos de qualidade, mas para organizar todo o processo operacional (demandas que chegam via internet) e logístico (processo de armazenamento, transporte e entrega dos produtos). Ou seja, requer uma estrutura que precisa de constantes investimentos. Algo quase inviável aos assentados rurais que dependem somente de sua força de trabalho, quase nenhum incentivo financeiro e pouco

²⁰ Assim, os núcleos da Fazenda Monte Alegre que eram no início apenas quatro (anos 80) são hoje sete, com modelos de uso e ocupação do solo marcados pela variedade de cultivos e criações. (WHITAKER E FIAMENGUE, 2000, NISHIKAWA, 2004 e CAMPOI, 2005). (WHITAKER, 2008).

(ou quase nenhuma, como é o caso do Sr. Alvino e da Sra. Maria da Glória) auxílio técnico.

Existem muitas formas de montar a cesta com variações e diferenciais entre as empresas, destacamos alguns: oferecimento de cestas pré montadas, preocupação com as embalagens, que em alguns casos são sustentáveis, algumas empresas cobram taxa de entrega.

Este breve olhar sobre o mercado de cestas de produtos orgânicos na internet nos reforça a representatividade da iniciativa do Sr. Alvino e da Sra. Maria da Glória, que mesmo sem condições de fazer o processo de certificação, sem mão de obra qualificada, com os desafios impostos pela logística, sem auxílio técnico, o casal adota formas sustentáveis de cultivo, e comercializa sua produção com o auxílio da internet.

A experiência de entrega de cestas é uma oportunidade para o Sr. Alvino e a Sra. Maria da Glória que vem se consolidando e mostrando-se diversificada visto que, as experiências por nós encontradas na pesquisa, nenhuma delas é protagonizada por assentados rurais.

Abaixo mais detalhes do mercado de cestas de produtos orgânicos (Tabela 2) por nós analisadas, este recorte foi definido, visto que, não encontramos produtores que anunciem seus produtos na internet e sejam assentados rurais.

Tabela 3: Produtores que trabalham com entrega de cestas de produtos orgânicos no Estado de São Paulo

São Paulo	
 <p>Sítio A Boa Terra – Pertence a um casal de imigrantes agricultores. Possui loja virtual, oferece cestas pré montadas - Empresa</p>	<p>Cestas pré montadas e possibilidade de compra virtual de inúmeros produtos. Entregam semanalmente cestas de alimentos orgânicos da estação, entre Legumes, Verduras e Frutas, e uma variedade de hortifrutis a escolher. Toda quinta-feira a tarde atualizamos o site com uma nova disponibilidade de produtos para a semana seguinte e enviamos um e-mail avisando nossos clientes. As entregas são feitas toda 3ª, 4ª e 5ª feira dependendo do seu bairro e de sua cidade. Ao finalizar seu pedido aparecerá o dia que será entregue em sua casa.</p> <p>http://www.aboaterra.com.br/cestas-organicas.php</p>



Korin Agricultura Natural. Empresa brasileira, fundada em 1994, com visão empresarial baseada na filosofia e no método de Agricultura Natural de Mokiti Okada, que privilegia o perfeito equilíbrio entre preservação e uso dos recursos naturais.

Serviço delivery em SP de diversos tipos de produtos.
<http://www.korin.com.br/empresa.aspx>

Cesta Orgânica -
- Cesta Orgânica -
- Empresa

No site existe área do assinte, destinada a realização dos pedidos. Comercialização frutas, castanhas e laticínios.
<http://cestaorganica.com.br/produtos.html>



Sementes de Paz –
Empresa de
comercio justo e
sustentável

Loja especializada em produtos integrais e orgânicos - cestas de alimentos entregadas à domicílio.

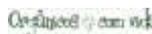
Cesta da semana: Batata Inglesa 600g + Cebola 600g + Milho Verde 3 espigas + Alface Americana + Couve Manteiga + Manjerição + Maçã 600g + Laranja Pera 1,5kg + Caqui Fuyu 600g + Banana Nanica 1kg + Mexerica Bergamota 1kg / R\$ 48,00

<http://www.sementesdepaz.com.br/index.html>



Nova Amazon -
Empresa

Distribuidora (entrega para todo Brasil) Loja Virtual (Entrega Domiciliar) São Paulo(capital) e região do ABC. Cesta pré montada com possibilidade de escolha entre 6 e 10 itens. Preço sob consulta
http://www.novaamazon.com.br/categoria.php?cod_categoria=136689



Orgânicos com vida
- Empresa

Cesta semanal. Enviamos um e-mail com as cestas que serão compostas na semana e uma tabela em anexo com todos os produtos disponíveis no momento. <http://www.organicoscomvida.com.br/servicos/-cestas> Atua entregando cestas e no CEAGESP em São Paulo

Grupo Horta

A Rede Orgânica faz parte de um grupo de 4 empresas (Grupo Horta) que se dedicam à produção e a distribuição de produtos alimentícios e processados desde 1993.

A cesta semanal é composta por 10 itens, sendo 2 folhas cruas e 2 folhas que podem ser refogadas, 4 legumes, 1 tempero e 1 fruta. Toda quarta-feira enviamos e-mails com a cesta da semana e os demais itens que comercializamos. Cadastre-se e receba a lista completa semanalmente.

<http://www.horta.com.br>

Easy Apanã

Loja virtual -
Empresa

Cesta de Hortifruti para Casal contém: 1 maço de alface crespa, 1 maço de rúcula, 1 couve manteiga, 1 maço de escarola, 1 maço de cheiro verde, ½ kg de cebola, ½ kg de cenoura, ½ kg de batata, 300g de tomate, 300g de abobrinha italiana, ½ kg de banana nanica, 1 kg de manga, 1 kg de laranja e ½ dz de ovos. R\$ 39,00

<http://easy-apanã.com.br/cestas/frutas-verduras-e-legumes.html>



Caminho da Roça –
Empresa de
agronoma filha de
agricultores

Possui inúmeros produtos e para comprar é necessário solicitar a lista de produtos, ou ligar na loja.

<http://www.caminhosdaroca.com.br>

O Bom Verdureiro Feira Biodinâmica	Empresa Grupo de agricultores familiares, biodinâmicos e orgânicos, do interior de Minas Gerais e de São Paulo	Loja virtual com lista de produtos para escolher e ou com sugestão de cesta pronta. http://www.obomverdureiro.com.br Atende feiras em São Paulo e possui loja virtual, com diversos produtos. Você monta sua cesta. http://www.feirabiodinamica.com.br
Coagris	Cooperativa dos Agricultores Orgânicos e Solidários de Ibiúna	A cesta com 14 itens fica em R\$50,00, e a com 08 itens sai por R\$ 25,00, já incluso a entrega. http://coagris.blogspot.com.br/p/cestas-organicas.html
Rede Terra Viva	A Rede Terra Viva é um empreendimento de economia solidária que estabelece alianças entre produtores e consumidores de alimentos.	Os consumidores recebem uma tabela de itens e escolhem o que desejam http://redeterraviva.org

ABC

	Tutto Natural Orgânicos no ABC - Empresa	Delivery de Hortifruti e Mercearia Orgânicos, Frangos e Ovos, Produtos sem glúten www.tuttonatural.com.br
--	--	---

Campinas

	Sabor Natureza - Empresa	Alimentos orgânicos, produtos naturais e ecológicos loja e delivery. http://www.saboresdanatureza.com
	Ecomercado Avis rara - Empresa	Restaurante e mercado orgânico. Para fazer o pedido é necessário preencher os dados, escolher os itens, quantidades. O pedido mínimo é de R\$ 60,00 e a taxa de entrega varia de acordo com a região de Campinas. http://www.avisrara.com.br/cestas.html
	Mater Orgânica - Empresa	Loja especializada em produtos orgânicos. Pedidos são solicitados por e-mail e cobram taxa de entrega http://www.materorganica.com.br/entregas.php

Baixada Santista

	Santos Orgânico - Empresa	Entrega em Domicílio. Adota sistema de loja virtual, com preços individuais para o cliente montar sua cesta conforme desejar
---	------------------------------	--

2 – AS CESTAS

2.1 – O lote da perspectiva dos assentados

Numa oposição frontal ao positivismo, a sociologia compreensiva propõe a subjetividade como fundante do sentido e defende-a como constitutiva do social e inerente ao entendimento objetivo. Essa corrente, não se preocupa de quantificar, mas em lograr explicar os meandros das relações sociais consideradas essenciais e resultado da atividade humana criadora, afetiva e racional, que pode ser apreendida através do cotidiano, da vivência, e da explicação do senso comum. (Minayo, 2008).

Como mecanismo de compreender de forma ampla a experiência por nós discutida nesta dissertação inserimos o relato da história do Sr. Alvino e da Sra. Maria da Glória, feito pelos mesmos, bem como as estratégias que por eles foram utilizadas ao longo do tempo para garantir a permanência no lote. (Figura 5):

O relato acerca do cotidiano e das vivências do casal demonstram a relação de ambos com a vida no campo, nas conversas informais os mesmos sempre fazem questão de ressaltar suas origens, o Sr. Alvino e os seus saberes ligados às plantas medicinais que ele diz conhecer por conta da convivência com a bisavó índia, a Sra. Maria com suas receitas e os cuidados com todos, a recepção sempre calorosa que ela atribui ao jeito mineiro de ser, detalhes estes que compõem a união do casal e vão fazer parte de suas decisões e trajetória, como observaremos nos relatos que seguem.

Figura 5: Os agricultores Sr. Alvino e Sra. Maria da Glória



Fonte: Keffin Gracher, Abril, 2012.

MI.: Nome completo, Seu Alvino.
 A.: Alvino Barbosa da Silva.
 MI.: Idade.
 A.: 58 anos.
 MI.: E a senhora, Dona Maria?
 MA.: Maria da Glória Assis Silva, 53 anos.
 MI.: Número de filhos.
 MA.: 3 filhos.
 MI.: Netos.
 MA.: 3 netos.
 MI.: Naturalidade. O senhor?
 A.: Eu sou baiano, de Caatiba, Bahia.²¹
 MA.: Eu sou mineira, de São Sebastião do Paraíso.²² (Informação Verbal)²³

A trajetória do casal se confunde com o desenvolvimento do assentamento, que ao longo dos anos foi sofrendo inúmeras transformações em busca de sua viabilidade, conforme confirmam os relatos, que registram o início da organização dos assentados²⁴. Bem como, nos demonstra a relação de proximidade com a vida rural e a necessidade de manutenção da mesma. O Sr. Alvino mesmo depois de ter trabalhado com diversos serviços, como na construção civil e na administração de um mercadinho que ele e a Sra. Maria da Glória possuíam, destaca sua ligação com a terra e o desejo que o acompanha de viver do seu trabalho nela. Experiências em diversos setores conferem a proatividade e empreendedorismo que percebemos na fala do Sr. Alvino.

²¹ Caatiba é vocábulo indígena que significa matagal, "lugar de muita mata". Do Tupi caa: mata; e tyba: grande quantidade, abundância. O topônimo deriva da existência, outrora, de matas fechadas no território. Galdino Félix Barreto foi um dos primeiros homens a desmatar essa região, ele veio descendo de Vitória da Conquista a procura de novas terras para plantar. (CAATIBA, 2013)

²² Com o declínio da mineração, cujos vestígios ainda podem ser vistos, nos limites do perímetro urbano desta cidade, seus moradores forma se dedicando tanto à agricultura quanto à pecuária, numa adaptação natural.

Daí surgiram inúmeras fazendas, e dentre essas, a "Fazenda da Serra", de propriedade da abastada família Antunes Maciel, constituída de descendentes de destemidos sertanistas e minerados, ora transformados em conceituados criadores de gado. Paralelamente à expansão do café da região de Campinas para o oeste paulista, impulsionou a cafeicultura em Ribeirão Preto e toda a região. Esta proximidade com a zona cafeicultora paulista e a vocação agrícola, fez de Paraíso uma das maiores produtoras de café do estado, chegando a colher, no final do século XIX, doze milhões de sacas anuais. (SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO, 2013)

²³ Entrevista concedida por Alvino, Maria da Glória. Entrevistador: Michelle Ribeiro Pinto Costa e Keffin G. C. Gracher. Araraquara, 2012.

²⁴ Com os resultados deficientes e a precariedade da situação econômica do assentamento, muitas famílias deixaram o projeto. Foi o grande momento de ruptura da reforma das Terras de Monte Alegre. Assim, após a colheita de 1987, 18 famílias abandonaram o assentamento. Outros vieram ocupar os lotes vazios. (ANTUNIASSI, 1993)

As ações geridas pelo Sr. Alvino destacam traços muito interessantes de sua personalidade criativa e observadora sempre motivada pela auto-realização com desejo de assumir responsabilidade e ser independente. A maneira como ao longo da história o agricultor foi percebendo as mudanças, lidando com as oportunidades tendo iniciativa para gerar novas estratégias, reafirma traços marcantes de sua personalidade empreendedora.

Não podemos deixar de ressaltar que a participação da família, a vivência com os amigos, o trabalho, os relacionamentos, a televisão são fatores importantes e constituintes desta personalidade empreendedora.

MI.: Quando vocês vieram para o lote e por quê?

A.: Oitenta... e oito que nos viemos? [olha para Maria para confirmar]. Nós viemos em 1988 para o lote, foi quando nós viemos para o lote. E eu vim para o lote porque eu sempre fui da terra, sempre eu morava em fazendas, e todo mundo que mora em sítio ou em fazenda o sonho dele um dia é ter um pedaço de terra. E eu morava em terra dos outros e eu sempre sonhei um dia em ter um pedaço de terra que fosse meu. Aí quando surgiu essa oportunidade de eu pegar esse lote aqui eu, mais do que depressa, larguei as profissões que eu tenho e vim para o lote, apesar de eu ter outras profissões. Eu sou armador, sou mestre de obras, e outras profissões mais, mas eu preferi mexer com a terra.

MI.: E antes do senhor vir, o senhor trabalhava em outras terras, então? Ou teve outros serviços?

A.: Eu nem trabalhava... Eu tinha uma área lá que eu aluguei e criava um gadinho, mas eu trabalhava no comércio.

MA.: A gente tinha um supermercado.

A.: É, tinha um mercado.

MI.: Aí depois que veio pra cá.

A.: Aí eu parei e vim mexer com a terra. (Informação Verbal)²⁵

Fica evidente que a relação com a terra e o desejo de viver do trabalho no sítio são características essenciais para a prosperidade batalhada e alcançada dos agricultores.

Com orgulho o Sr. Alvino descreve, que, seu lote foi indesejado por outros agricultores, por conta de sua situação geográfica, reforça que seu desejo de trabalhar e viver do seu sítio possibilitou a construção de diferentes estratégias para tornar produtiva e viável a sua permanência no assentamento, o que reforça a ligação dele com a terra como já destacou anteriormente.

²⁵ Entrevista concedida por Alvino, Maria da Glória. [2012]. Entrevistador: Michelle Ribeiro Pinto Costa e Keffin G. C. Gracher. Araraquara, 2012.

MI.: E quando o senhor chegou como é que era o lote?

A.: Aqui era um lote que foi abandonado por dois ou três donos, porque era um lote que, segundo eles, não era de boa qualidade a terra, não produzia. E era um matagal assim, muita cobra, muito... E produzia pouco, a produção era baixa. Então foi quando eu vim aqui. O agrônomo responsável por aqui falou pra mim assim: “Olha, Alvino, a prioridade aqui é das pessoas que já se encontram no lote. Igual tem esse lote aqui, tem mais três lotes disponíveis, mas tem duas pessoas daqui que tá pegando junto com vocês aqui, então eles vão ter direito de escolher. A sua escolha é o que eles não...” Eu falei: “Pra mim eu... Eu tô querendo um pedaço de terra pra trabalhar”. Aí eles escolheram o lote deles, sobrou esse aqui. Aí o agrônomo me trouxe aqui e disse: “Olha, esse aqui que é o seu pedaço de terra. É onde você vai trabalhar.” Eu olhei e falei pra ele: “Eu não acredito que isso aqui tudo é meu.” Ele disse: “É seu, pode entrar pra dentro que ele é seu”. [agricultor sorri].

MA.: E estamos aqui até hoje. [agricultora sorri].

MI.: Já faz aí mais de...

A.: Já faz... vai pra 23, 24 anos.

MI.: E qual o tamanho do lote, o total?

A.: A área de plantio minha aqui, eu tenho aqui... são... 14 hectares de área de plantio, destinada ao plantio, mais eu acho que umas 4, 5 de reserva, que essa é reserva, é parte que é intocável, e tem mais uma chácara de um hectare que é na agrovila, que é onde eu morava. (Informação Verbal)²⁶

Antuniassi (1993), destaca que, o espaço de produzir e o espaço de habitar não se diferem para os agricultores, talvez por este motivo a criação da agrovila em 1987 foi utilizada de diversas maneiras pelos assentados, de modo que, ao longo dos tempos, ficou claro que, a liberdade de escolher o modo como organizam o espaço dos seus lotes é fundamental para os mesmos. Amplia-se deste modo, a compreensão do espaço de viver como espaço de expressão das relações, com grande valor simbólico.

As primeiras tentativas de se organizar na agrovila acabaram por não se desenvolver de forma integral as inúmeras dificuldades de organizar os interesses e modos de fazer dos envolvidos no processo, as individualidades prevalecem sobre a ideia do coletivo, somadas a falta de continuidade e efetividade por parte da assistência técnica. Assim, Sr. Alvino e Sra. Maria da Glória foram desenvolvendo seu modo de produzir.

MI.: E quais foram os primeiros produtos que o senhor cultivou aqui?

²⁶ Entrevista concedida por Alvino, Maria da Glória. [2012]. Entrevistador: Michelle Ribeiro Pinto Costa e Keffin G. C. Gracher. Araraquara, 2012.

A.: Eu comecei plantando de produto... Eu plantava, assim pro gasto, plantava arroz, plantava... Eu sempre gostei de mexer com a terra. Eu plantava arroz, plantava mandioca, plantava milho, feijão... Mas o meu mesmo, que eu cheguei aqui e plantei, foi o gado. Eu lancei o gado aqui dentro, eu mexia com vaca de leite.

MA.: Aqui no assentamento não tinha ninguém que tinha gado. Nós fomos as primeiras pessoas que trouxemos gado pra cá.

MI.: E essa produção era pra vender ou era pra o consumo de vocês?

A.: Era pra vender, eu fornecia leite pra Nestlé. Eu conseguia trazer eles aqui, eles pegavam o leite aqui na porta na época.

MI.: E o senhor falou do leite. Depois que essa produção acabou, por algum motivo ela não existe mais, o senhor passou a fazer que tipo de cultivo? Como é que chegou nessa produção hoje?

A.: Eu comecei... Eu parei com o leite porque andou... Eu sofri uns prejuízos com umas vacas de leite, andou dando uma doença nas vacas que dentro de 31 dias morreu 21 vacas de leite, vaca de 15, 20 litros de leite, aí eu dei uma desgostada. Aí eu parei de fornecer pra Nestlé e comecei a fazer queijo e vender na feira em Araraquara, e entregar em alguns mercados. E daí foi onde surgiu de começar a trabalhar na feira, que foi através do leite. Eu parei com o leite e comecei com horta, com hortifruta, e estou até hoje, já tá indo pra uns 10, 12 anos que eu estou no ramo de horta. (Informação Verbal)²⁷

A mudança de estratégia que aqui se verifica pela dificuldade do agricultor de reconhecer o problema e ter conhecimentos necessários para extingui-los. A falta de uma assistência técnica qualificada que contribua de forma afetiva para as necessidades diárias e práticas do assentado é uma realidade que vai se repetir ao longo dos anos segundo os relatos do Sr. Alvino.

Por este motivo, os assentados, ora tentam se inserir no mercado como produtores de matéria prima para o agronegócio, como é o caso da cana e do leite, ora procuram se inserir nas cadeias produtivas, com padrões muitas vezes associados aos produtos artesanais, orgânico/agroecológicos. Ambas as estratégias de produção e comercialização, na maioria das vezes individualizadas, têm por objetivo manterem-nos como agricultores familiares. (MACIEL, 2010).

No nosso estudo de caso, no entanto, esta experiência nos chama atenção exatamente por suas diferenças do que foi registrado até aqui. No assentamento Monte Alegre o casal de agricultores Sr. Alvino e a Sra. Maria da Glória demonstra a busca

²⁷ Entrevista concedida por Alvino, Maria da Glória. [2012]. Entrevistador: Michelle Ribeiro Pinto Costa e Keffin G. C. Gracher. Araraquara, 2012.

incessante por estratégias que viabilizem a permanência no lote, o Sr. Alvino apresenta uma particular curiosidade e acerca do mundo, que o faz perguntar, perceber e trocar experiências por todos os lugares onde ele passa, obviamente que este processo faz dele um observador obstinado. O processo de diversificação das estratégias de comercialização²⁸ da produção é contado pelos agricultores, de modo que, reconhecemos sua empolgação com as possibilidades que se apresentam. É nítido o espírito administrativo e empreendedor do casal que sabe reconhecer e abraçar oportunidades, para garantir a sua sobrevivência.

MI.: E as feiras começaram primeiro em Araraquara? O senhor só faz feira em Araraquara?

A.: É, eu faço... A gente começou na feira que era na antiga COMAPA, né. Nós abrimos uma feira lá que foi...

MA.: A feira de produtor começou a abrir lá.

A.: Começou lá. Depois de lá nós começamos... A gente tem bastante fruta, muita manga, muita coisa, estava perdendo e... foi na época que o Edinho abriu uma exceção da gente vender esses produtos em Araraquara. Então a gente vendia em frente à prefeitura de Araraquara...

MA.: Na Praça Santa Cruz...

A.: ... na Praça Santa Cruz, e vendia na Integração. E aí a gente começou vendendo lá as mangas e começamos a encaixar. Eu e o Seu João, que fomos os pioneiros, nós começamos a encaixar verdura que o povo pedia, uma verdura, uma mandioca, a gente tinha tudo isso, e a gente começou levando, e o povo começou gostando e a gente foi continuando. Aí surgiu essa oportunidade de nós continuarmos, manter aquela feira lá dentro da Integração e depois surgiu a COMAPA, vendeu lá o prédio, tal e tal, aí nós fomos pra...

MA.: Fomos pra Praça Pedro de Toledo.²⁹

A.: Fomos pra Praça Pedro de Toledo e abriu essa feira lá, e estamos até hoje, tá indo razoavelmente bem a feira que tem hoje na Praça Pedro de Toledo. (Informação Verbal)³⁰ (Figura 6)

²⁸ Além da importância em termos de geração de renda, vários produtores mencionaram que a comercialização direta proporciona maior autonomia para organizar a produção e permite-lhes ter maior poder de negociação de preços, já que tratam diretamente com os consumidores ou pequenos varejistas. Alguns destacaram ainda a ampliação de suas relações sociais, como um aspecto que lhes trazia satisfação, pois ao sair do cotidiano da propriedade rural, tornavam-se mais conhecidos e suas habilidades e saberes para produzir determinados produtos passavam a ser reconhecidas e valorizadas. (FERRANTE e BARONE, 2011).

²⁹ O agricultor refere-se ao Projeto Direto do Campo aprovado pela Lei 5908/02 | Lei nº 5908 de 26 de setembro de 2002 de Araraquara. Art. 1º - Fica instituído o Projeto "Direto do Campo", destinada à venda direta, no varejo, de produtos hortifrutigranjeiros, conservas, doces, e produtos derivados do leite e da industrialização artesanal e artigos oriundos do artesanato rural.

³⁰Entrevista concedida por Alvino, Maria da Glória. [2012]. Entrevistador: Michelle Ribeiro Pinto Costa e Keffin G. C. Gracher. Araraquara, 2012.

Figura 6: Feira na Praça Pedro de Toledo.



Fonte: Keffin Gracher, Janeiro, 2013.

Conforme destacado acima, as diferentes formas de comercializar a produção garantem aos assentados, possibilidades de ampliação do círculo social, bem como as estratégias experienciadas conferem resultado positivo na diversificação da produção. Outro fator apresentado por eles e que nos parece bastante comum segundo as conversas informais com os mesmos, é a presença de agregados aos donos de terra no assentamento.

As mulheres que colaboram com o trabalho no sítio tem este perfil, são agregadas que vivem da prestação de serviços³¹, para os assentados, este parece fato comum, quando os mesmos não se interessam e/ou já tiveram experiências frustrantes na cidade, e/ou falta-lhes a proatividade e/ou muitas vezes o desejo de administrar um lote e sua produção, o recurso é trabalhar para outros assentados.

A maneira como os agricultores manejam a terra e dela tiram seu sustento esta descrita pela palavra dos mesmos, onde podemos perceber que o conhecimento por eles acumulado é resultado das experiências diárias, de suas tentativas, erros e acertos.

³¹ MI.: E empregados? Tem empregados que trabalham no lote? Quantos são?

A.: Sim, a gente tem pra ajudar, né, tem três pessoas que ajuda a gente, trabalha com a gente.

MI.: E eles são assentados também?

A.: Todos eles estão na área do assentamento, entendeu?

MA.: Moram aqui no assentamento.

A.: Moram no assentamento. Todos eles é da área do assentamento. Eles não tem lote, mas tá morando dentro dos lotes de parentes.

O manejo da produção, bem como todas as escolhas, que resultam na manutenção sadia do lote foram realizados pelo Sr. Alvino e a Sra. Maria da Glória praticamente de forma intuitiva, pois sem auxílio técnico especializado, os mesmos foram testando alternativas e a partir dos seus saberes historicamente construindo, desenvolveram ações e práticas que com tempo foram resultando em práticas viáveis. Práticas estas que não podemos tipificar, justamente pelo caráter excêntrico da mesma.

Ao se julgar que nos ecossistemas naturais também não se observa a ocorrência de pragas e doenças, muito embora a infinidade de insetos e microorganismos lá esteja como coevoluidos, a não presença desses organismos como pragas nas plantações mistas descritas não deve surpreender. Aliás, a imitação da natureza dos processos naturais deveria ser mesmo a base para a construção dos nossos modelos equilibrados de agricultura e floresta plantadas. (QUEDA, KAGEYAMA, SANTOS, 2009).

2.2 – Cestas de verduras, legumes e frutas entregues em domicílio: Uma forma inovadora de inserção no mercado

A História de como as cestas (Figura 7) foram se tornando uma forma de comercialização viável é contada de modo emotivo pelos agricultores, que puderem ver boas mudanças em suas vidas. A participação, mesmo que mínima neste processo, nos impulsionou a relatar e registrar esta experiência que nos deixa a certeza de que com vontade e coragem é possível conquistar o que se deseja.

Nesta forma de comercialização a família tem maior autonomia técnico-produtiva, pois a qualidade dos produtos muitas vezes não é resultado de sofisticação tecnológica ou da conformidade estrita as normas e procedimentos padrão, mas resultado de um saber-fazer tradicional, mediado por relações de confiança, possível devido ao contato direto do produtor com o consumidor. (FERRANTE e BARONE, 2011).

Figura 7: Produtos que compõem a cesta entregue semanalmente pelos agricultores Sr. Alvino e Sra. Maria da Glória.



Fonte: Marcela Sotrati, 2012.

E.: Como é que começaram a ideia de vender as cestas. E começaram com quantas cestas e como é que foi crescendo a venda das cestas.

A.: O que é mais engraçado de tudo é que essa cesta eu comecei com você. Um dia que eu te convidei na feira pra que você viesse aqui no sítio pra nós fizesse uma pomonha. E você conheceu o sítio, você como freguês, comprando na minha barraca. Aí você chegando aqui, e vendo a minha horta, as coisas que a gente tava produzindo, a maneira como a gente tava produzindo, aí você propôs pra mim porque é que eu não fazia essa cesta básica de verdura e eu falei pra você: “É complicado porque é o seguinte, pra eu poder começar a entregar uma cesta de verdura eu tinha que ter no mínimo 15 ou 20 cestas pra entregar, senão não vai compensar essa viagem daqui até Araraquara, com mão-de-obra e tudo.” Você ficou quieto, tal, e foi embora. Passou três dias você me telefonou e falou: “Olha, Seu Alvino, eu estou com 15 cestas pra você entregar pra nós aqui. Você traz aqui que eu vou te levar às pessoas.” E eu peguei aqui um dia a tarde, montei a cesta, peguei um dia lá a tarde, aí foi eu mais você, de casa em casa entregando e aí surgiu a ideia da cesta, graças a vocês dois.

MA.: Foi ideia de vocês, e isso ajudou muito a gente.

Criança: Senão até hoje não tinha acontecido isso.

MA.: Não tinha mesmo. (Informação Verbal)³²

A emoção dos agricultores ao relatar uma experiência que vem sendo positiva é muito interessante, pois após tantas lutas e em meio a um cenário nada motivador, conseguir produzir e escoar a produção parece por vezes um imenso milagre.

³²Entrevista concedida por Alvino, Maria da Glória. [2012]. Entrevistador: Michelle Ribeiro Pinto Costa e Keffin G. C. Gracher. Araraquara, 2012.

O relativo aumento na renda do casal é ponto importante neste processo pois garante a sustentação para o mesmo. Mesmo nas conversas informais o Sr. Alvino e a Sra. Maria da Glória nunca quantificaram quanto a cesta representa no orçamento da família, porém sempre deixam explícito que é uma importante fonte de renda.

Os primeiro clientes e a divulgação

E.: Depois dessas primeiras cestas como é que foi crescendo isso, como é que foi esse papel da Lindamar vendendo pela internet. Como é que isso foi acontecendo?

MA.: A maioria é de frequês que compra, começou consumindo essa cesta, gostaram, e falam pra amigos, indica pra outra pessoa, pra vizinhos, pra própria família... A maioria das nossas cestas tá sendo assim, de indicação, de boca a boca. Está tendo também pelo face [facebook], pela internet tem muita gente acessando... Mas o que está sendo mais gratificante pra gente é que está sendo mais por boca a boca, gente que está gostando e indicando a cesta da gente pra outras pessoas. Isso é o mais gratificante pra gente, que quer dizer que tá tendo... Tá gostando da nossa cesta.

A.: Tá tendo um bom aceitamento, né. (Informação Verbal)³³

A receptividade das pessoas que buscam saber sobre a entrega das cestas de verduras legumes e frutas, é sempre muito animadora, o jeito cativante e sempre muito otimista do casal conquistou os clientes.

Vale destacar a imensa generosidade da filha mais velha do casal - Lindamar- que está sempre pronta e paciente para fazer o contato com os clientes. Nas conversas informais a mesma demonstra muito orgulho da luta de seus pais.

A contribuição da filha mais velha do casal

MI.: A Lindamar (Figura 8) ajuda como? A filha de vocês? Eu falo do processo de organização pra chegar na minha casa a cesta.

A.: A Lindamar ficou com a parte burocrática da coisa. Que ela... apesar das função dela, porque ela trabalha em duas escolas, e chega cedo e vai pra outra, tal, de tarde quando ela chega, de noite, ela entra na internet e vê quem pediu, vê quem é frequês novo, faz o relatório, passa pra nós os pedido, ou telefona aí, a gente vai buscar na casa dela, das pessoas... Então a Lindamar é uma das pedras fundamental também pra nós, porque sem ela não tinha como nós ter contato, até porque a gente mora no sítio e a internet nossa ainda não tá funcionando, e telefone aqui pra pegar é meio complicado.

MI.: Então ela faz... As pessoas explicam o que é que elas querem...

A.: Pra ela...

³³Entrevista concedida por Alvino, Maria da Glória. [2012]. Entrevistador: Michelle Ribeiro Pinto Costa e Keffin G. C. Gracher. Araraquara, 2012.

MA.: Faz o pedido pra ela... A gente passa a lista pra ela do que é que a gente vai colocar na cesta aquela semana, ela coloca, manda pras pessoas, as pessoas manda de resposta pra ela o que querem na cesta, o que é que quer que tire, o que quer que aumenta, passa o endereço, gente nova, alguma pergunta que querem fazer pra ela... É tudo... O primeiro contato geralmente é com ela. Aí depois ela passa pra gente e a gente entrega a cesta depois. (Informação Verbal)³⁴

Figura 8: Lindamar e Sr. Alvino fazendo pamonha juntos.



Fonte: Keffin Gracher, abril de 2012.

A estratégia que utiliza o e-mail e a rede social facebook é um grande diferencial desta experiência, a facilidade oferecida aos clientes, bem como o rápido alcance destes mecanismos a novos e possíveis clientes contribuem enormemente para o sucesso deste projeto.

Os pedidos

E.: A maior parte das vendas dos produtos, ou a totalidade, é feita através da internet? Ou por email ou pelo face?

A.: Exatamente.

MI.: E aí depois...

³⁴Entrevista concedida por Alvino, Maria da Glória. [2012]. Entrevistador: Michelle Ribeiro Pinto Costa e Keffin G. C. Gracher. Araraquara, 2012.

MA.: Já tem os freguês fixo, né. Tem gente que já fez pedido a primeira vez, querem receber toda semana, então continua pegando tendo toda semana. Tem gente que já fez o pedido, quer de 15 em 15 dias, que consome menos. Então já tem uma lista de freguês que eu já guardo que é de 15 em 15 dias, outros que é toda semana. E fora os que pedem depois pra ela pelo face (Facebook) e pela internet. (Informação Verbal)³⁵

Como método para agradar o cliente e agregar valor ao produto, as cestas podem ser organizadas de acordo com o interesse de quem compra. Isso acarreta a necessidade de um grande empenho por parte de todos os envolvidos no processo.

A montagem das cestas

MI.: E aí quando chega o pedido vocês colhem e vão montar a cesta?

MA.: É. Geralmente...

A.: Funciona assim, olha: a gente faz a lista, a gente vai na horta, vê os produtos e vê o que nós mandamos. Porque senão fica muito repetitivo, você vai pegar todo dia cenoura, todo dia beterraba e cenoura. Então a gente vai lá com a lista, a outra semana a gente mandou cenoura, beterraba e tal. Então nós vai pôr chuchu, nós vai pôr... Então a gente vai verificar. Só o que nós manda sempre, que aqui ninguém enjoa, que tá na mesa de todo brasileiro todo dia são tomate, alface, essas coisinhas... Um cheiro verde, um negócio que faz parte de todo dia.

MA.: Do dia-a-dia, né.

A.: Agora, legume a gente tá sempre pescando, um dia a você põe uma batata-doce, um dia você põe uma mandioca, outro dia você põe uma berinjela, outro dia você põe um jiló, outro dia você põe a beterraba, outro dia você põe a cenoura... Vai dando uma modificada em legumes pra não ficar repetindo toda semana.

MA.: Eu procuro sempre pôr folha, legumes, uma raiz e flor. Mas nem sempre é época de flor. Quando tem época de flor, da brócolis, do couve-flor, a gente sempre procura pôr. E quero montar cestas... Eu procuro sempre fazer isso: ponho sempre folha, fruta, legumes e uma raiz, e flor, pra ficar uma cesta legal. (Informação Verbal)³⁶

O processo de preparação das cestas também envolve muito cuidado em suas várias etapas, lavar, separar, pesar. As mandiocas por exemplo, são picadas, lavadas e ensacadas. A liberdade de escolha dos produtos pelos clientes faz com que o processo de organização das cestas para os agricultores seja demorado e exija muita atenção e

³⁵Entrevista concedida por Alvino, Maria da Glória. [2012]. Entrevistador: Michelle Ribeiro Pinto Costa e Keffin G. C. Gracher. Araraquara, 2012.

³⁶Entrevista concedida por Alvino, Maria da Glória. [2012]. Entrevistador: Michelle Ribeiro Pinto Costa e Keffin G. C. Gracher. Araraquara, 2012.

habilidade para que as mesmas estejam de acordo com as necessidades de cada um. Existe uma certa forma de organização muito intuitiva para a organização das cestas, pois o Sr. Alvino relata que nem os técnicos que passam pelo lote preenchendo seus relatórios sabem quanto é produzido, deste modo ele mesmo não sabe precisar a quantidade de verduras, legumes e frutas produzidos no lote, na montagem das cestas e na venda de seus produtos na feira ele faz seus cálculos de acordo com sua experiência.

MI.: Aí depois que colhe vocês fazem a limpeza primeiro desses produtos?

A.: Faz a higienização, (Figura 9) vai primeiro lavar tudo, passa pelo processo, fica duas pessoas lá lavando, aí depois tudo vai..., embala tudo, depois de embalado vai tudo..., aí faz uma lista, aí você vai colocando... “Fulano não quer beterraba, mas quer jiló”, coisa assim, e aí você vai montando diferenciada, aquelas que é completa você... (Figura 10)

MA.: Põe tudo completo.

A.: ... põe tudo completo e... faz a montagem pra chegar na casa do consumidor. (Informação Verbal)³⁷ (Figura11)

Figura 9: Sr. Alvino e suas ajudantes higienizam as verduras para a montagem das cestas de verduras, legumes e frutas.



Fonte: Keffin Gracher, abril de 2012

³⁷ Entrevista concedida por Alvino, Maria da Glória. [2012]. Entrevistador: Michelle Ribeiro Pinto Costa e Keffin G. C. Gracher. Araraquara, 2012.

Figura 10: Cestas organizadas e prontas para entrega



Fonte: Keffin Gracher, abril, 2012

Figura 11: Sr. Alvino colocando seus produtos na mesa da cliente.



Fonte: Michelle Ribeiro, junho de 2013.

2.3 - A rede social facebook

A idéia difundida por autores como Bill Tencer, de que somos o que clicamos, vem cada vez mais tomando espaço em nossa sociedade. O grande aumento no uso de novas tecnologias de informação trouxe aos nossos tempos formas inovadoras para a comunicação, seja ela presencial ou a distância, parece-nos que as fronteiras são inexistentes. A utilização das redes sociais como mecanismo para comunicação são um fato de destaque neste cenários de transformações instantâneas. A presença dos inúmeros usuários nas redes sociais aumenta a cada dia. Em todos os seguimentos é possível verificar atuação nas redes, o que no início parecia somente um estímulo a interação social virou negócio de altíssima rentabilidade. Vende-se de tudo nas redes sociais, empresas, organizações, artistas em geral, políticos estão todos conectados e se organizando segundo seus interesses.

Um caso específico e altamente particular se insere neste contexto, a rede social facebook que desde 2004 quando foi criada pelo então estudante de Havard, Mark Zuckerberg, tem uma ascensão impressionante. Diariamente cresce o número de usuários e os próprios participantes da rede reinventam suas formas de interação com a criação de grupos temáticos.

Os números de usuários e a rapidez com que esta rede começou a ser utilizada por milhões de pessoas nos indicam também a velocidade das transformações que estamos vivenciando.

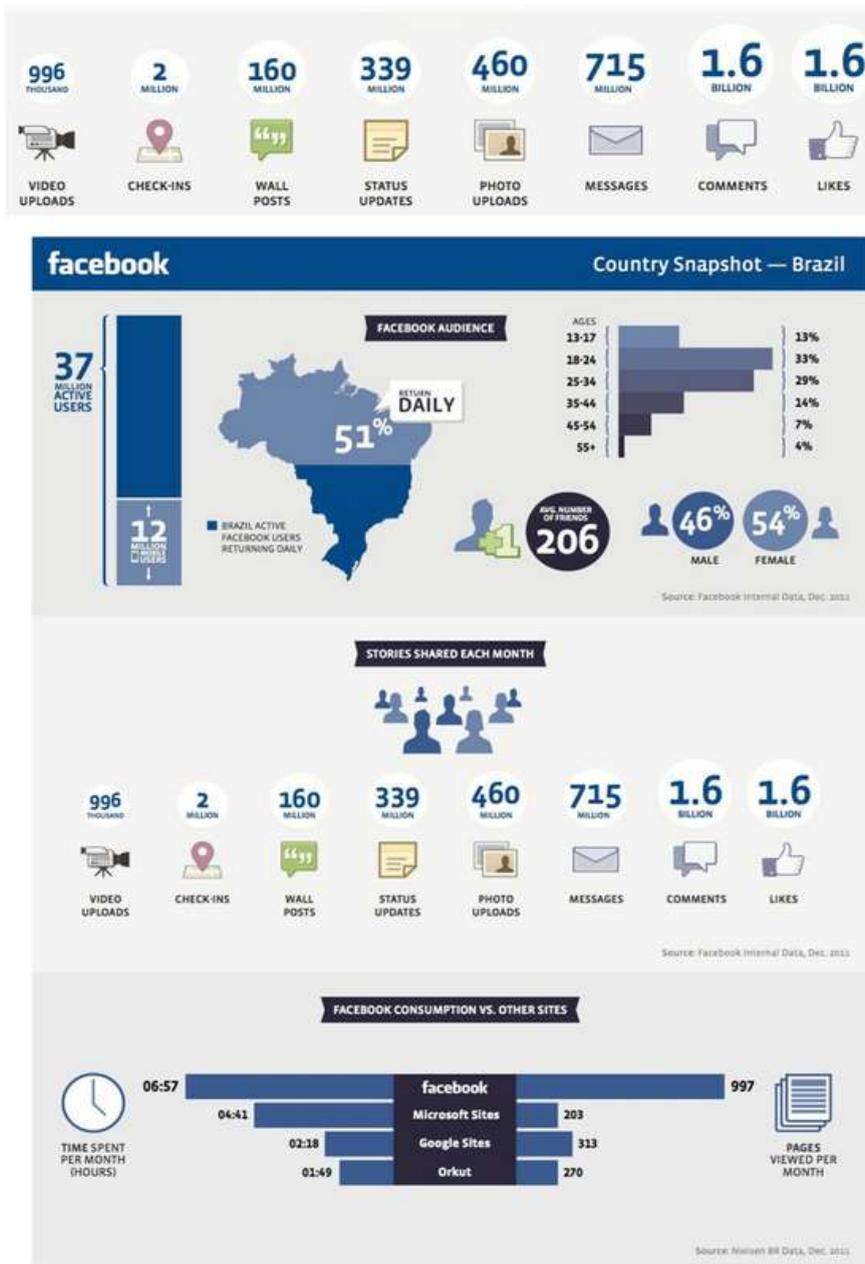
A audiência da internet no Brasil continua relativamente jovem, com 18% dos usuários com idades entre 18-24 anos e 30% entre 25-34.

Sites de Redes Sociais capturam a maior porcentagem do tempo dos consumidores no Brasil, com 36%. O Facebook ascendeu como um forte líder da categoria, com quase 44 milhões de visitantes únicos em dezembro de 2012, 22% a mais que no ano anterior.³⁸

O facebook no Brasil tem hoje mais de 38 milhões de usuários, mostrando que a rede se consolida em nosso país, dado que se comprova pelo tempo gasto mensalmente nas redes, quase sete horas. O infográfico abaixo (Figura 12), esclarece os dados.

³⁸ Dados ComScore.

Figura 12: Infográfico de dados do facebook



Fonte: Ponto Conteúdo.

Nos assentamentos rurais a internet ainda não se faz presente de forma tão intensa como nos centros urbanos, contudo a influência das redes sociais é tão ampla que parece não existir desconhecimento sobre a mesma.

Com a organização da experiência da entrega de cestas de verduras, legumes e frutas, criamos o grupo no facebook denominado “grupo de cestas sem agrotóxicos” onde adicionamos os primeiros clientes, e aos poucos os próprios membros foram adicionando outras pessoas e construindo um jeito próprio de organizar o grupo. O

grupo hoje conta com cerca de 345 membros, é utilizado com frequência semanal por cerca de 20 consumidores, ora para fazer o pedido da cesta, para repassar endereços, para fazer pedidos personalizados e ou fazer alterações fora dos prazos. O que demonstra que cerca da metade dos consumidores semanais utiliza a rede social facebook como mecanismo de aquisição das cestas. Nas postagens parece-nos que o contato via facebook para os clientes da cesta é sempre mais rápido do que o uso do telefone, devido a característica das postagens.

O grupo no facebook confere um caráter facilitador a comercialização pois, como grande parte dos clientes possui acesso constante ao mesmo, existe muita comodidade para a feitura dos pedidos.

Outro fator importante, é a visibilidade ao processo de comercialização, que torna-se uma constante, pois sempre que um membro do grupo curti uma postagem ou faz comentários, se houver a prévia permissão dos usuários, todas as pessoas conectadas a este cliente podem saber de sua participação no grupo. Como a rede pode construir infinitas conexões, podemos dizer que um grande número de pessoas podem ter acesso ao grupo.

Por todas estas facilidades acreditamos que a rede social facebook é instrumento importante no processo de comercialização das cestas, bem como, a mesma contribui para os diferenciais desta experiência inovadora.

2.4 - A viabilidade das cestas de verduras, legumes e frutas entregues em domicílio

A tabela abaixo (Tabela 4) apresenta um comparativo simples realizado em agosto de 2012, entre os produtos entregues na cesta e os mesmos produtos comprados em um hiper mercado e em um varejão da cidade de Araraquara. Com o intuito de conhecer quanto podemos comprar com o valor pago pela cesta, verificamos os ingredientes que compuseram naquela semana a cesta com seus valores individuais. O mesmo procedimento, fizemos para os produtos adquiridos no hipermercado e no varejão.

A cesta (Figura13) aparentemente custando em torno de R\$ 5,00 mais cara é entregue em casa, com facilidades, como por exemplo, a mandioca vem descascada, a possibilidade de escolher os produtos pela internet é outro atrativo que colabora

enormemente para o dia-a-dia das pessoas, assim acaba-se por dirimir comparações negativas.

Figura 13: Cestas Prontas



Fonte: Keffin Gracher, Abril, 2012

Tabela 4: Comparativo entre quantidade e preço de produtos na cesta x quantidade e preço em varejão e hipermercado

Quantidade	Produtos	Cesta	Varejão (varejão passarinho)	Hipermercado (hipermercado extra)
1 maço	Alface (tipo crespa)	R\$ 2,22	R\$ 0,99/ unidade	R\$ 1,49/ unidade
1 maço	Rúcula	R\$ 2,22	R\$ 1,49/ unidade	R\$ 1,33/ unidade
1 maço bem grande (equivalente a 3 do varejão e do hipermercado)	Espinafre	R\$ 2,22	R\$ 1,49 / unidade	R\$ 2,09/ unidade
3 cabeças	Chicória	R\$ 2,22	R\$ 1,29/ unidade	
1 maço	Salsinha	R\$ 2,22	R\$ 1,49/ maço	R\$ 1,96/ maço
1 cabeça/ 1kg	Brócolis (tipo ramoso)	R\$ 2,22	R\$ 2,49/ unidade	R\$ 5,19/ unidade
3 unidades/ 1,300kg	Chuchu	R\$ 2,22	R\$ 1,54(R\$ 1,19/kg)	R\$ 2,19 (R\$ 1,69/kg)
10 unidades/ 1,300kg	Tomate (tipo italiano)	R\$ 2,22	R\$ 4,40 (R\$ 3,39/kg)	
8 unidades/ 600g	Cenoura	R\$ 2,22	R\$ 1,79 (R\$ 2,99/kg)	R\$ 1,79 (R\$ 2,99/kg)
12 unidades / 750g com rama / 500g sem rama	Rabanete	R\$ 2,22	R\$ 2,99 (R\$ 5,99/kg)	
600g	Quiabo	R\$ 2,22		
10 unidades/ 900g	Cebola	R\$ 2,22	R\$ 1,07 (R\$ 1,19/kg)	R\$ 1,77 (R\$ 1,97/kg)
4 unidades / 600g	Pimentão (verde)	R\$ 2,22	R\$ 2,99 (R\$ 4,99/kg)	R\$ 4,79 (R\$ 7,99/kg)
9 unidades/ 1,200kg	Limão (taiti)	R\$ 2,22	R\$ 1,42 (R\$ 1,19/kg)	R\$ 2,02 (R\$ 1,69/kg)

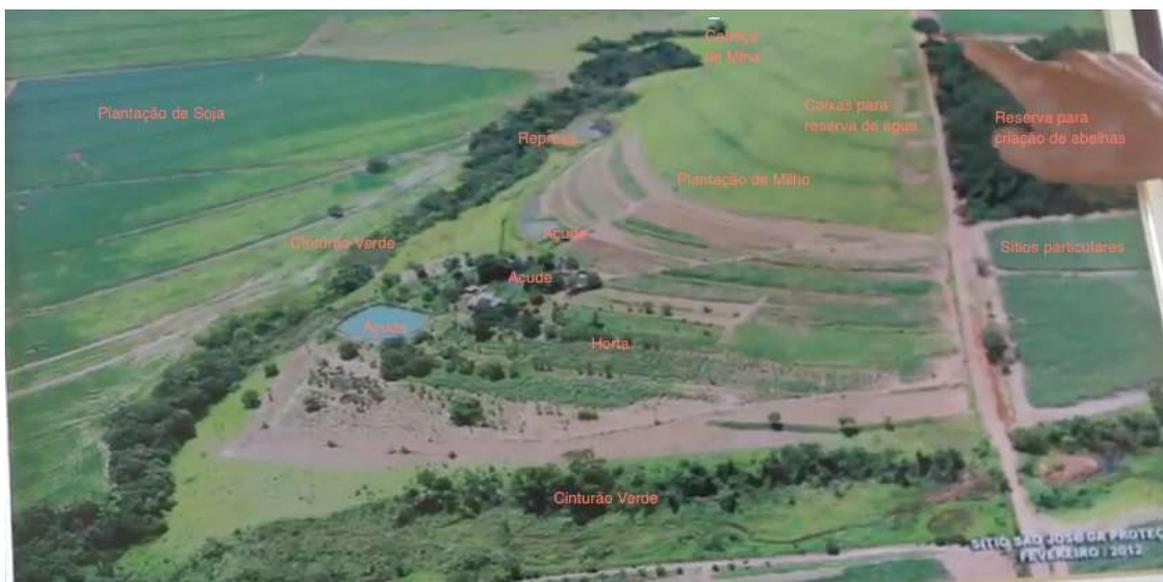
5,95kg	Melancia	R\$ 2,22		
7 / 1,450kg	Banana (tipo prata)	R\$ 2,22	R\$ 3,46 (R\$ 2,39/kg)	R\$ 4,62 (R\$3,19/kg)
8 / 2kg	Laranja (tipo pera)	R\$ 2,22	R\$ 1,38 (R\$ 0,69/kg)	R\$ 2,54 (R\$ 1,27/kg)
250g	Chá (camomila)	R\$ 2,22		
Total		R\$40,00	R\$ 33,85	R\$ 35,36

Fonte: Organizada por Michelle R. P. Costa e Marcela Sotrati, setembro de 2012.

2.5 - As culturas: O caminho para diversificação

O Sítio São José da Proteção é hoje um exemplo da formação de mosaicos na paisagem, conforme verificamos na figura(14) abaixo.

Figura 14: Vista área do Sítio São José da Proteção



Fonte: Keffin Gracher, agosto de 2012.

MI.: Mas tem uma variedade de fruta...

A.: Tem uma boa variedade. É manga, é laranja, é abacaxi, é banana... Eu tenho de tudo. Eu sou um produtor diversificado, eu tenho de tudo... Falou que é de qualidade eu tô plantando um pouquinho de cada coisa. Até pra ter rotatividade, pra você poder ter uma fruta o ano inteiro. Você tem... Até o imbú, que é fruta típica da Bahia, eu tenho pé de imbú aqui produzindo. [riso]. (Informação Verbal)³⁹ grifo nosso.

No sítio o Sr. Alvino, com o objetivo de tornar o solo mais homogêneo com terra mais fofa, o trator é utilizado para ciclar os nutrientes de cima para baixo, nas faixas de terras adiciona-se de forma manual uma mistura comprada de esterco bovino com terra e após este processo o solo é revolvido novamente, desta vez com a enxada de forma mais superficial.

Criam-se sulcos verticais e horizontais que criam um xadrez na terra para receber as mudas e ou sementes (compradas em estabelecimento de produtos agrícolas – sem preferência por semente orgânica e sem fungicida). Somente na horta são cerca de 17 tipos de cultivos diferentes.

A.: Esse aqui é o brócolis, (Figura 15) que é bom pra..., tem ferro, tem não sei o quê, tem muitas coisas e é um produto indispensável na mesa, apesar de ele ter uma época que ele não sai, é meio difícil sair. Agora tá chegando a época dele, tá vendo [se aproxima de um fruto e mostra ao entrevistador]? É um produto gostoso, é muito nutritivo. Então chegou a época e de agora pra frente ele vai até ali pra setembro, outubro ele tá produzindo bem, aí depois ele vai ficar escasso, porque ele é um produto de época, que não produz assim o ano inteiro em larga escala. Aonde você vai tirar, vamos supor, 200 maços de brócolis você vai tirar 50 ou 30 fora de época. Então, quando chega uma época que não é a época dele, que é quando tá calor, aí é quando ele fica valorizado, o preço dele fica lá em cima.

H.: E essa produção, Seu Alvino? (Informação Verbal)⁴⁰

³⁹ Entrevista concedida por Alvino, Maria da Glória. [2012]. Entrevistador: Michelle Ribeiro Pinto Costa e Keffin G. C. Gracher. Araraquara, 2012.

⁴⁰Entrevista concedida por Alvino, Maria da Glória. [2012]. Entrevistador: Michelle Ribeiro Pinto Costa e Keffin G. C. Gracher. Araraquara, 2012.

Figura:15: Pé de Brócolis



Fonte: Keffin Gracher, agosto de 2012.

Sr. Alvino detalha seu modo de produção com destaque para os cultivos de brócolis e repolho, onde fica evidente que a construção de seus saberes desenvolve-se no dia-a-dia, no contato com a terra e seus desafios. Se por um lado nos surpreende reconhecer tanta proatividade e espírito empreendedor, não podemos deixar de questionar as imensas perdas que a falta de uma assistência técnica efetiva poderia dirimir.

A.: Essa aqui é a produção do repolho, keffin. Essa aqui a produção já está sendo tirada, já está em colheita, tá vendo?

A.: Aqui é a couve. Esse aqui é um produto que pode ser plantado tudo numa mesma faixa, que é da mesma família. A couve, brócolis, a couve e o repolho. Faz tudo parte da mesma família então você pode plantar assim meio junto que um não estrova o outro. Então você pode plantar tudo... fazer uma quadra só que dá certo. Agora tem alguns produtos que você já tem que plantar mais diferenciado, mais separado. Igual você tá vendo, o quiabo está plantado lá naquele lado lá, a vagem tá plantado mais no meio... Se eu for plantar outra vagem agora eu tenho que plantar mais pra baixo ou mais pra cima senão o fungozinho que vai deixar naqueles bambus, naqueles barbantes, ele vai contaminar a outra. Aí o segredo tá aí, você tem que plantar em outra área, ao menos uns 30, 40 metros de distância de onde foi plantado o outro produto. (Informação Verbal)⁴¹

⁴¹ Entrevista concedida por Alvino, Maria da Glória. [2012]. Entrevistador: Michelle Ribeiro Pinto Costa e Keffin G. C. Gracher. Araraquara, 2012.

Os vegetais e frutas que não servem para a comercialização bem como a palhada do milho e restos de podas são espalhados pelo solo para garantir nutrientes, cobertura e proteção contra a perda de umidade e exposição ao tempo que podem causar erosão.

A.: Olha o segredo aqui, keffin, que é pra que ele dá... Tá vendo aqui o tamanhinho do pé de mamão e como tá dando, olha. Tá dando 30 cm e já vê o crescimento que dá dando o produto [mostra um mamão grande, maior do que o do pé anterior]. Olha [mexe numas folhas secas no chão, na base do pé do mamão], mantém esterco e sobra de... Isso aqui é a palha do milho. A palha do milho, ao invés de jogar fora o que é que eu faço? O resto de verdura, uma coisa, eu vou colocando nos pés das plantas, das frutas, do mamão, de banana, de laranja, que é pra que alimenta a raiz dele pra que ele dê uns frutos bonitos igual você tá vendo aí. (Informação Verbal)⁴²

Não existe uma divisão rígida dos cultivares, hortaliças e leguminosas em um terreno com o preparo descrito anteriormente, e as frutas são distribuídas por toda a propriedade de forma aleatória.

H.: Qual é a plantação que o senhor tem aqui nesse trecho?

A.: Aqui eu costume fazer assim, eu planto... Pra aproveitar uma irrigação só, aí o que eu faço? Eu planto... Eu diversifico. Eu planto caseado, eu planto... (Figura 16)

Igual aqui tá plantado pimentão e abobrinha. Entendeu? Tá vendo?

Aí o que acontece? Com a própria irrigação eu faço... eu colho dois produtos. Aqui eu tô produzindo pimentão e abobrinha com uma irrigação só, porque um não vai estrovar o outro. (Informação Verbal)⁴³

⁴² Entrevista concedida por Alvino, Maria da Glória. [2012]. Entrevistador: Michelle Ribeiro Pinto Costa e Keffin G. C. Gracher. Araraquara, 2012.

⁴³ Entrevista concedida por Alvino, Maria da Glória. [2012]. Entrevistador: Michelle Ribeiro Pinto Costa e Keffin G. C. Gracher. Araraquara, 2012.

Figura 16: Sr. Alvino mostra a horta



Fonte: Keffin Gracher, Abril, 2012

As pragas como fungos, pulgões e lagartas, são administradas com uma infusão de Mamona (*Ricinus communis* L.) e/ou Neem (*Azadirachta indica*). Além disso, é realizada a rotação de culturas para que uma praga que ataca um cultivar específico não perdue. Touceiras entre as plantações são deixadas de forma proposital, pois elas criam barreiras naturais a fim de evitar que as pragas de uma determinada cultura atinjam as outras ao redor.

Figura 17: Sr. Alvino apresenta a plantação de tomate e explica os desafios da produção sem agrotóxico



Fonte: Keffin Gracher. Agosto de 2012

H.: Seu Alvino, explica aqui como é que é a plantação do tomate, que é uma plantação difícil de se produzir sem agrotóxico. (Figura 17)

A.: Oh, keffin, o tomate realmente é uma produção mais complicada. A gente produz, mas igual você vê aqui... Apesar de que até o tomate

eu planto igual eu estava te mostrando lá. Olha, aqui tem um tomate plantado pra aproveitar a própria água... Eu tô regando o tomate e em algum lugar que falhou... Então o que é que eu faço? Eu planto o pepino. Você tá vendo? Já está com uns... umas... [Alvino se acocora à beira do pé de pepino e mostra as flores que brotam antes do fruto]... Já está soltando uns pepininhos. Então o que é que acontece? Aqui, com a própria irrigação eu vou tirar dois produtos.

[...]

Aqui tem... o tomate tá bom aqui, aqui tem esse pé que tá condenado [mostra um pé próximo], lá tá condenado [aponta para um pé mais distante]... Então o que é que acontece? Numa produção, keffin, que eu poderia... Num plantio de tomate que eu poderia tirar, vamos supor, 500 caixas, eu vou tirar 150 ou 100. Porque... tem o veneno que eu posso usar pra eliminar isso aqui [abaixa e mostra um pé com algum tipo de praga], mas a gente não quer produzir com veneno, usando certos tipos de veneno. Então o que é que acontece? O que sobrou aqui é o resistente à doença, é o que vai produzir o produto de boa qualidade. Esse é um produto que a gente pode pegar ele [abaixo e toca o pé], do mesmo jeito que está aqui, olha, eliminar [arranca o pé do solo com a raiz e joga ao lado], às vezes enterrar e jogar fora porque ele não tem... ele não vai dar um produto que presta. Ele vai dar um tomatinho manchado..., cheio de problema. Então aí que tá a diferença de você produzir com veneno ou sem veneno. Você vai produzir sem veneno e com mais qualidade, e com veneno e em quantidade maior. (Informação Verbal)⁴⁴

A maneira como o Sr. Alvino relaciona sua produção com a biodiversidade de seu lote nos remete às suas observações, tentativas de produzir em maior quantidade e com mais qualidade, ao julgar que suas perdas nunca são grandes o bastante que justifiquem o uso de agrotóxicos ele cria uma lógica completamente diversa do mais comum. Explica-se talvez pelo seu jeito empreendedor e o desejo de viver da terra e sentir-se completamente satisfeito com o ritmo natural da vida.

Cinturão Verde

H.: E esse mato que está aqui entre... atrás do senhor aí. Explica aí pra mim.

A.: Esse mato que está aqui atrás... ali nós temos um plantio de... Eu não sei se deu pra você perceber [Alvino vai até o meio dessa faixa de mato] que aqui tem um plantio de quiabo [do outro esquerdo da faixa de mato]. Aqui tem tomate e pepino [do lado direito do mato]. Então é que... tem uma praguinha que às vezes gosta do tomate e às vezes pega o quiabo também. Aí o que é que acontece? Eu costumo deixar essa faixa aqui que eu considero... eu chamo o cinturão verde que é pra... dar uma tapeada [riso] um pouco na praga e às vezes a doença, vamos supor, que dá no quiabo não chegar até o tomate, ou pra demorar um pouco mais pra chegar pra que ele... produz mais tempo.

⁴⁴Entrevista concedida por Alvino, Maria da Glória. [2012]. Entrevistador: Michelle Ribeiro Pinto Costa e Keffin G. C. Gracher. Araraquara, 2012.

H.: Seu Alvino, porque da diversificação da produção do tomate com o pepino?

A.: Oh, chefe, é que é o seguinte, esse miolo aqui ele falhou o tomate, morreu alguns pezinhos, alguma doencinha que deu que eu tive que eliminar ele. Aí o que acontece? A minha irrigação [Alvino se acocora e mostra a mangueira da irrigação] ela tá feita pra toda essa área, né? Aí o que acontece? Aí eu planto o pepino, ou a abobrinha, o que for, o outro produto, pra que não fique perdendo água nesse pedaço. O que falhou fica sendo molhado sem uma planta em cima pra ser utilizado, né. Aí eu planto, eu faço esse acasalamento pra aproveitar a irrigação, a água. Com uma água só eu estou tirando dois produtos.

A.: Você tá vendo [Alvino acorado à beira de uma faixa de plantação de tomate, toca os pés do produto e mostra ao entrevistador]? Esse pé de tomate ele está com um pouco de fungo mas ainda tá... ainda tá dando... tá produzindo. Agora, esses pés de tomate aqui, é um fungo que dá, é uma ferrugem que dá, é um fungo que dá, porque é falta de veneno. Você tá vendo? Então, se você passasse veneno ele não ia dar isso aqui, eu não ia ter essa perca que você tá vendo aqui. Aí, tá vendo [Alvino levanta e caminha até outros pés de tomate nas proximidades]? Formigueira, as formiga tudo aí... Coisas que eu poderia até estar usando o veneno pra eliminar ela, mas pode ser que eu vou usar o veneno [riso] e vou contaminar o produto. Então eu prefiro ir lutando com eles aqui junto, a formiga, o bizorrinho, uma coisinha assim, mas a gente vai tocando, o que sobrou é lucro. (Informação Verbal)⁴⁵

O desnível do terreno é aproveitado para o escoamento da água poupando esforços para irrigar toda a plantação, (figura 18) que é feita com mangueiras com pequenos furos, dispostas entre as plantações, ligadas a uma bomba que retira água dos três açudes criados artificialmente a partir de uma nascente localizada na propriedade.

⁴⁵Entrevista concedida por Alvino, Maria da Glória. [2012]. Entrevistador: Michelle Ribeiro Pinto Costa e Keffin G. C. Gracher. Araraquara, 2012.

Figura 18: Plantação de alface no destaque a mangueira para irrigação



Fonte: Keffin Gracher, abril de 2012

O que se pode verificar, a partir da fala dos assentados é que os agricultores podem contribuir para a melhoria do meio ambiente, à medida que diversificam e reciclam nutrientes. No caso dos assentamentos, essas práticas permitiram a heterogeneidade do espaço (do ponto de vista social)... (NISHIKAWA, 2008)

A colheita é feita o ano todo já que cada cultura (principalmente as que demoram mais para colher como a mandioca e milho) são plantadas em diferentes épocas do ano de forma a criar várias plantações do mesmo cultivar, em distintas fases de desenvolvimento, criando uma sucessão na produção.

Figura 19: Sr. Alvino apresenta a plantação de milho



Fonte: Keffin Gracher, abril 2012

H.: Esse trecho qual é a produção, Seu Alvino?

A.: Aqui... esse aqui é o milho. O milho pra ser vendido chama milho verde, né. (Figura 19) Esse é um produto pra ser tirado verde. Então aqui é feito uma etapa assim: tem esse aqui que tá desse porte [plantação no local onde estão entrevistador e entrevistado, que ainda está brotando], tem aquele ali que está madurando [o cultivo logo acima], que é o que vai sair já, essa semana vai sair, e tem lá na ponta lá [mais adiante], nós vamos ter um outro milho que já tá mais maior do que aquele, que vai entrar no lugar desse aqui pra subir aquele. Quando aquele estiver acabando, aí esse aqui tá chegando e já tem um outro plantado. Então você tem que diversificar, você tem que plantar... cada 15, 20 dias você tem que plantar uma etapa pra que você não deixe faltar. E às vezes mesmo assim costuma faltar uma semana, ou coisa assim, porque às vezes não... Se eu demorar 20 dias pra plantar já é o suficiente... Você tem que plantar a cada 15 dias. 20 dias às vezes já vai ficar uma semana sem o produto. Então você não pode deixar faltar, a cada 15 dias você tem que plantar uma etapa. (Informação Verbal)⁴⁶

Figura 20: Folha do pé de milho deteriorada pela largarta



Fonte: Keffin Gracher, agosto de 2012

H.: Seu Alvino, porque é que esse milho está comidinho assim, tá...

A.: Ah... você fala esses furinhos que você está vendo aqui na folha [Seu Alvino manuseia a folha]? Esses furinhos (Figura 20) que você está na vendo na folha é de alguma lagartinha por causa da seca, tudo, aí dá essa lagartinha. Mas essa lagartinha aqui você não precisa... você não tem que esquentar a cabeça não porque é... apropriado do milho. Não precisa você passar nada não que ela não... estrova tanto o milho. Dá uma quedazinha, mas não chega a ser absurdo de você precisa

⁴⁶ Entrevista concedida por Alvino, Maria da Glória. Entrevista I. [2012]. Entrevistador: Michelle Ribeiro Pinto Costa e Keffin G. C. Gracher. Araraquara, 2012. arquivos .vídeo (min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

esquentar a cabeça, passar algum agrotóxico ou alguma coisa assim, porque ele não vai... A própria água, quando chover aqui, ela vai ser eliminada aqui dentro do miolo da planta, a chuva elimina essa lagartinha. (Informação Verbal)⁴⁷

É perceptível que de forma muito natural e a partir das muitas tentativas, erros e acertos os animais, à água, o solo e as plantas são organizados pelo Sr. Alvino, de modo que possam coexistir em harmonia.

2.6 - A rotina: O cotidiano e a divisão sexual do trabalho

A descrição da rotina de trabalho dos assentados rurais Sr. Alvino e Sra. Maria da Glória explicita os desafios de manter-se no campo, o trabalho árduo que envolve a produção de alimentos bem como as estratégias que precisam ser cotidianamente reelaboradas, os saberes ligados a administração da rotina de produção, da comercialização e logística de todo o processo, tudo isso deixa transparecer a proatividade e o empreendedorismo destes agricultores.

Domingo – Sr. Alvino faz a colheita para prefeitura⁴⁸ / Sra. Maria da Glória e Lindamar fecham a lista de pedidos / Único dia considerado por eles como de descanso, mesmo com todos os afazeres descritos;

Segunda – Sr. Alvino e uma ajudante fazem a colheita para cesta / Sra. Maria da Glória e duas ajudantes fazem a limpeza dos produtos e montam as cestas;

Terça – Sr. Alvino e Dona Maria entregam as cestas / Sr. Alvino molha a horta e prepara produtos para entrega na prefeitura;

⁴⁷ Entrevista concedida por Alvino, Maria da Glória. [2012]. Entrevistador: Michelle Ribeiro Pinto Costa e Keffin G. C. Gracher. Araraquara, 2012.

⁴⁸ Os agricultores participam do Programa de Aquisição de Alimentos da Prefeitura Municipal de Motuca, segundo os mesmos quando tem produtos que interessam a prefeitura. Dizem preferir entregar em Motuca do que em Araraquara devido a problemas com pagamentos não realizados nesta cidade.

Quarta - Sr. Alvino e ajudantes fazem a colheita para feira no terminal rodoviário;⁴⁹

Quinta – Dona Maria faz a feira no terminal rodoviário/ Senhor Alvino cuida da plantação / Lindamar (filha do casal) envia por e-mail e posta no facebook a lista dos produtos que compõem a cesta da próxima semana;

Sexta – Sr. Alvino e ajudantes fazem a colheita para feira de sábado;

Sábado - Sr. Alvino e Sra. Maria da Glória fazem feira na praça Pedro de Toledo. (figura 21)



Figura 21: Sr. Alvino

Fonte: Keffin Gracher, junho de 2013.

O plantio e os demais cuidados com a horta são trabalho do Sr. Alvino que cuida e gerência toda a sua produção. A Sra. Maria da Glória além da organização, montagem

⁴⁹ A feira no terminal rodoviário não é, sempre as quartas-feiras. Por um acerto entre os produtores, existe um rodizio entre os mesmos e os dias da semana, para que todos os envolvidos tenham as mesmas oportunidade de comercializar os seus produtos. Deste modo a entrega das cestas e as colheitas podem sofrer alterações devido a mudança nos dias de feira no terminal rodoviário.

e entrega das cestas, vende dos produtos nas feiras, cuida da casa e faz as refeições que alimentam o casal e as ajudantes.

As ajudantes são trabalhadoras sem vínculo empregatício, pois as mesmas contribuem durante três dias da semana (segunda, quarta e sexta) com o plantio, colheita, cuidados com a horta e montagem das cestas. As mesmas são moradoras do assentamento, contudo não possuem terras, moram como agregadas de parentes. Em conversas informais com as mesmas, fica perceptível que elas preferem trabalhar na terra do que na cidade em outros serviços, elas alegam que seus familiares não produzem em seus lotes, por isso buscam serviço com os vizinhos.

2.7 - A opinião dos consumidores:

O questionário estruturado foi enviado aos consumidores da cesta por meio do e-mail⁵⁰ que a filha dos agricultores utiliza para se comunicar com os clientes, bem como foi encaminhado via mensagem para os membros do grupo da cesta no facebook⁵¹.

Por e-mail receberam o questionário cerca de 60 pessoas e via mensagem no facebook foram encaminhadas a cerca de 20 pessoas que frequentemente interagem no grupo e utilizam desta rede para fazer seus pedidos. Responderam os questionário 12 pessoas das cerca de 40 que solicitam a cesta toda semana.

Os entrevistados que correspondem a 30% dos clientes atendidos têm idade entre 20 e mais de 50 anos, sendo em sua maioria do sexo feminino.

Todos os entrevistados possuem nível superior e/ou pós graduação, a renda média declarada pelos mesmos varia entre R\$ 1,867 e mais de R\$ 6,221.

Entre 3 e 4 pessoas consomem a cesta por família, a maioria soube das cestas por amigos⁵² e considera os produtos de qualidade e com preço justo, bem como

⁵⁰ Email em anexo.

⁵¹ Mensagem enviada via facebook idêntica à enviada por e-mail.

⁵² Fato este confirmado pela Sra. Maria da Glória na entrevista cedida, a pesquisadora e apresentada nesta dissertação.

indicam preferir alimentos sem agrotóxicos por conta da saúde ou pelo sabor dos alimentos;

Quanto às entregas e a possibilidade de montar as cestas de acordo com o gosto pessoal, são bem avaliadas pelos clientes.

Percebe-se que os consumidores da cesta possuem informações e cuidam de sua saúde através do consumo de produtos considerados de maior qualidade.

Os desafios da entrega são imensos, pois os produtos são demasiadamente perecíveis, as pessoas precisam de agilidade... E, ao mesmo tempo, outros consumidores desejam falar com os produtores, trocar receitas... O que por vezes torna o processo demasiadamente demorado. O dia é consumido praticamente por inteiro com a entrega de cerca de 30 a 40 cestas semanalmente.

Os pedidos realizados fora do prazo também são um fator desafiador para os produtores que desejam atender satisfatoriamente os clientes e muitas vezes não há tempo hábil para tanto, por conta da exigente rotina do campo.

A compreensão acerca do que significam as trocas de produtos da cesta, do valor de cada item, e da imensa organização por trás da entrega das cestas são desafios apresentados, muitas pessoas solicitam a troca por exemplo de pimenta por laranja que tem preços bem diferentes, e o ajuste nos valores muitas vezes é mal compreendido pelos clientes.

A falta da assistência técnica que busque construir soluções e auxiliar de modo efetivo aos assentados é uma ausência imensa. Transformar a produção em orgânica poderia ser um ganho do ponto de vista financeiro a médio prazo, contudo fazer este processo sem auxílio é praticamente impossível, bem como custeá-lo com empresas privadas torna-se muito complexo.

O papel do Estado é ineficiente, pois as políticas públicas voltadas aos assentados não conseguem atingir a imensa diversidade de fatores que compõem a realidade dos assentamentos, não chegando de modo satisfatório a todas as famílias.

No início desta pesquisa conforme relatado na entrevista com os agricultores o PAA entregava o valor referente aos produtos vendidos a prefeitura que

repassava aos agricultores⁵³. Em 2013 o projeto evoluiu e entrega o dinheiro direto ao produtor, o que garante maior transparência e efetividade, bem como possibilita os agricultores a possibilidade de realizar com maior autonomia os investimentos que acharem necessário.

MI.: Certo. E as dificuldades da cesta? O que é que é desafio na cesta? Qual é o maior problema ou como é que funciona isso pra vocês?

A.: Tudo na vida é desafio. Desde que você saiu da cama e põe o pé no chão você já está desafiando, é arriscado tropeçar, cair e sofrer um acidente. Tudo é desafio, não é verdade?

MA.: Eu não estou achando dificuldade.

A.: Mas na cesta, falar que... O único que eu estou querendo dar uma ampliada é no tipo de entrega, na condução pra entrega, e ampliar assim... Talvez eu precise dar um jeito de entregar duas vezes. Eu entrego na terça-feira. Talvez eu vá ter que fazer uma parte...

MA.: ... da cidade num dia...

A.:... num dia e outra parte no outro. Porque às vezes num dia só fica muito puxado pra você entregar tudo, você entendeu?

MA.: Porque a cesta o legal é entregar de manhã, né, na parte da manhã que tá tudo fresquinho. (Informação Verbal)⁵⁴

2.8 - Financiamentos e Assistência Técnica

Os relatos abaixo demonstram que, de forma muito pontual o auxílio financeiro dos bancos foi utilizado, e útil em determinado momento. Já a assistência técnica de forma pontual, se mostrou ineficaz ao longo dos anos, pois sem estar relacionada aos

⁵³ Criado em 2003, o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) é uma ação do Governo Federal para colaborar com o enfrentamento da fome e da pobreza no Brasil e, ao mesmo tempo, fortalecer a agricultura familiar. Para isso, o programa utiliza mecanismos de comercialização que favorecem a aquisição direta de produtos de agricultores familiares ou de suas organizações, estimulando os processos de agregação de valor à produção.

Parte dos alimentos é adquirida pelo governo diretamente dos agricultores familiares, assentados da reforma agrária, comunidades indígenas e demais povos e comunidades tradicionais, para a formação de estoques estratégicos e distribuição à população em maior vulnerabilidade social.

Os produtos destinados à doação são oferecidos para entidades da rede socioassistencial, nos restaurantes populares, bancos de alimentos e cozinhas comunitárias e ainda para cestas de alimentos distribuídas pelo Governo Federal.

Outra parte dos alimentos é adquirida pelas próprias organizações da agricultura familiar, para formação de estoques próprios. Desta forma é possível comercializá-los no momento mais propício, em mercados públicos ou privados, permitindo maior agregação de valor aos produtos.

A compra pode ser feita sem licitação. Cada agricultor pode acessar até um limite anual e os preços não devem ultrapassar o valor dos preços praticados nos mercados locais.

⁵⁴ Entrevista concedida por Alvino, Maria da Glória. [2012]. Entrevistador: Michelle Ribeiro Pinto Costa e Keffin G. C. Gracher. Araraquara, 2012.

desafios dos agricultores, nem ter continuidade e/ou objetivos definidos perde seu sentido.

MI.: A questão de financiamento ou de ajudas de fora. Quais os programas de órgão governamentais vocês já receberam? Se receberam alguma coisa, alguma ajuda disso aí?

MA.: Isso aí é com o Alvino, eu não...

A.: Não, não. Aqui na horta assim, agora que tem esse negócio de... A ajuda que a gente tem é assim: sai algum dinheiro que o governo lança pra prefeitura pra comprar o produto do produtor, mas esse dinheiro vai pra prefeitura, a gente produz e vende pra eles, eles compra com aquele dinheiro que sai, que eles dá pra eles. Não é assim um financiamento que eu falo: “Eu vou pegar esse dinheiro pra fazer determinada coisa na horta, que eu preciso.” Não. Você produz e vende pra eles. Aí que você vai pegar...

[...]

E.: Mas vocês nunca pegaram um financiamento subsidiado...?

A.: Aqui pra horta não, pra horta não. Eu já peguei quando mexia com criação, essas coisas assim. Mas aqui na horta nunca... O que eu trabalho aqui foi tudo com meus recursos.

E.: Mas aqui no assentamento, quando o senhor mexia com criação, o senhor chegou a pegar algum dinheiro emprestado?

A.: Cheguei, cheguei.

E.: Como é que foi isso?

A.: Saiu pra comprar gado de leite. Que justamente era a época que eu te falei que eu mexia com gado e foi um ano que morreu esse gado aí e eu tive que parar com o gado, perdi o gado.

MI.: E era banco público ou privado?

A.: Foi através da Caixa [Econômica], Banco do Brasil...

MI.: E assistência técnica? Tem, por exemplo, alguém do ITESP, alguém de algum lugar que vem e ajuda, ou ajudou em algum momento?

A.: Não, do ITESP era muito pouco, só se você assim... Às vezes vem assim, mas não assim... (Informação Verbal)⁵⁵

Existe o impasse entre o que os órgãos oficiais programam e tentam realizar e a realidade cheia de desafios diários dos assentados. O número de técnicos, a formação dos mesmos, a periodicidade da assistência entre tantos outros problemas são perceptíveis nas conversas com os assentados, o que inviabiliza totalmente um trabalho efetivo.

⁵⁵ Entrevista concedida por Alvino, Maria da Glória. [2012]. Entrevistador: Michelle Ribeiro Pinto Costa e Keffin G. C. Gracher. Araraquara, 2012.

DIVERSIFICAÇÃO: SEMENTES DE SOBERANIA ALIMENTAR

Desafios: Entre entraves e perspectivas

O trabalho diário no campo, a luta para escoar a produção e vencer os inúmeros preconceitos atrelados aos assentados rurais, produzir de forma diferenciada, comercializar através de diferentes estratégias para compor a renda familiar, encontrar mercado consumidor, entre tantos outros entraves, como podemos perceber no relato do Sr. Alvino, compõem a vida no campo e a permanência nele.

MI.: E qual é a maior dificuldade de fazer uma agricultura familiar hoje? Qual é o maior desafio pra vocês?

A.: Olha, são vários, né, mas assim... o que no início era mais difícil era justamente você ter o lugar pra você pôr o seu produto que você produzia. Você produzia e às vezes perdia. Quer dizer, aqui no caso aqui, do assentamento da Monte Alegre, eu acredito que ninguém que mexe com horta está tendo dificuldade, porque aquele que não trabalha na feira, até porque não gosta ou coisa assim, eles... a gente entrega... eles entrega pra merenda escolar nas prefeituras, uma coisa e outra... Quer dizer... E além do mais tem a procura de fora. Porque quando a gente começou ninguém conhecia, ou às vezes até tinha medo do assentamento. Porque quando se falava em assentamento achava que eras pessoas tipo índio, né, e que ia chegar aqui e ia ser maltratado, coisa assim. Hoje não, hoje é o contrário, hoje o que se produzir aqui, vende. Hoje tem uma procura, as pessoas vem de fora procurar, porque sabe que aqui tem uma boa produtividade de vários produtos. Uns plantam tomate, outros plantam limão, outros plantam laranja, outros... Mas nessa área de hortifruta tem bastante pessoas que trabalham.

MI.: E antes da entrega das cestas vocês escoavam a produção só com a questão das feiras?

A.: Nas feiras e na prefeitura.

MI.: Na feira e na prefeitura. E com a cesta o que é mudou da organização de vocês, da renda...? Como que ficou isso?

A.: Ah, a cesta ela veio... Ela deu uma boa ajuda, ela tá dando uma boa ajuda pra nós sim.

MA.: Produzindo mais...

A.: A gente sabe que pode produzir mais porque não vai perder, você entendeu? Porque às vezes a gente entrega no caso das feiras, a gente tinha uma produção destinada. "Tal dia eu vou colher e tal dia eu vou colher". Se você saísse muito do padrão ia ter um desperdício, porque ia perder, sobrar. E agora com a cesta a gente vai produzir mais porque você sabe que tal dia você tira pra uma feira, outro dia você tira pra outra, e no meio da semana você vai tirar uns poucos pra cesta. Então você sabe, chegou ali o ponto você tem aonde expelir o produto.

MA.: Entregar tudo.

A.: Entendeu? (Informação Verbal)

A organização de uma estratégia diferenciada de comercialização torna-se para os agricultores uma alternativa que viabiliza maior produção e rentabilidade, e como o próprio processo produtivo vai exigir a superação de desafios diários, a logística para a entrega das cestas, é um deles.

Pensar um roteiro para as entregas, de modo que, os produtos mantenham-se sem perdas (ficarem murchos e/ou amassados) exige semanalmente a reelaboração de estratégias, visto que, os clientes não são fixos. A entrega em condomínios também é outro entrave, pois atrasa bastante todo o processo, em alguns residenciais da cidade é necessário a apresentação de documentos semanalmente. O carro utilizado para o transporte das cestas é outro grande entrave ao processo, pois precisaria ser refrigerado em condições ideais. No caso do Sr. Alvino ele mesmo adaptou uma camionete (Figura 22) com uma capota que confere maior proteção as cestas. Mas as entregas já foram feitas em caminhão aberto em kombe, no carro da filha do casal quando nenhum dos veículos podia funcionar de forma satisfatória.

Figura 22: Camionete adaptada pelo Sr. Alvino para fazer o transporte e entrega das cestas



Fonte: Michelle Ribeiro, agosto de 2012.

Em conversas informais o Sr. Alvino relata o desejo de adquirir um meio de transporte ideal para cestas, contudo ainda não foi possível arcar com um financiamento.

Mesmo com tantos desafios o casal de agricultores segue entregando semanalmente as cestas, sempre com sorriso no rosto, com a coragem de quem sabe que vai chegar aonde almeja.

O conceito de um mosaico, existente nos assentamento em função da divisão de uma grande área em pequenas porções e ocupadas por diversas famílias, cada qual desenvolvendo suas estratégias específicas de produção, exhibe, em algumas partes de seus fragmentos, grande diversidade em contraposição a um território homogeneizado pela monocultura da cana (Whitaker, Fiamengue, 2000). Essa diversificação é uma das razões pelas quais afirma-se que nos assentamentos pesquisados há questões culturais e ambientais diretamente ligadas aos modos de vida que os constituem. Práticas familiares estão associadas com a reprodução cultural do modo de vida rural, são resgatadas de outra época vivida antes da proletarianização e encontram nos assentamentos espaços para atuarem. (FERRANTE, DURVAL, 2008)

Ao registrar a experiência do Sr. Alvino e da Sra. Maria da Glória, reconhecemos a presença das estratégias diversificadas que derivam de seu modo de vida, mesmo com a convivência constante com o massacre da lógica capitalista de produção e obtenção de lucro, existem formas de resistência. Encontramos no conceito de soberania alimentar subsídio para dar o devido tratamento as questões que envolvem o ato de se alimentar. A Soberania alimentar preconiza a produção de alimentos saudáveis, com respeito a cultura de quem produz e aos hábitos alimentares de quem consome, a organização e a promoção de sistemas locais que respeitem o meio ambiente.

Implica independência total dos países, ou de regiões bem delimitadas, para produzirem ali mesmo o que a população local necessita ou deseja consumir, sem depender de sementes produzidas por transnacionais e dos pacotes tecnológicos para agricultura que são viáveis apenas em grandes cultivos. Obviamente deixa-se de depender também da irracionalidade do transporte de alimentos que os encarece e os tornam estéreis (desnutritivos). [...] Ou seja: cada região (definida pelos planejadores a partir de sua história e subculturas locais) deve

ter a liberdade de produzir grande variedade de alimentos e outras mercadorias que sejam ali consumidas, sob controle de planejadores locais, já que cada região deve produzir os alimentos que lhe são próprios restabelecendo, portanto, a diversidade que lhe agroecologicamente apropriada. (WHITAKER, 2008).

O conceito de soberania alimentar destaca alguns pilares fundamentais de sua constituição que podemos perceber no trabalho com as cestas do Sr. Alvino e da Sra. Maria da Glória:

1) Preservar os recursos naturais, produzir e alimentar;

O Sr. Alvino e Sra. Maria da Glória possuem em seu sítio áreas preservadas, áreas de produção e os mesmos sobrevivem do seu trabalho no lote.

2) Comida saudável com respeito à cultura camponesa, seus saberes e valores;

O cultivo da terra respeitando o meio ambiente é uma preocupação constante dos agricultores, que não utilizam agrotóxicos e mantem práticas sustentáveis de produção que proporcionam as famílias consumidoras da cesta a oportunidade de se alimentar de forma mais saudável e com qualidade, conforme relatam os próprios agricultores.

E.: Vocês acham que com esse processo de cada semana ter um produto diferente vocês estão levando para a mesa das pessoas produtos, legumes, verduras, que eles não tinham o costume de comer? Vocês tem relatos disso?

A.: Justamente é a questão que... muitas pessoas comentam com a gente. Que eles estão aprendendo a comer coisa que às vezes eles nem sabia o nome. Alguns legumes e algumas verduras que eles nem sabia o nome. Às vezes via e nem sabia pra que é que servia. E no caso nosso, eu gosto, quando eu tô com um pouquinho de tempo, eu gosto de entregar o produto e explicar. Falo: “Isso aqui é mostarda.” “O que é que é isso?” “Mostarda”. “E como é que se come?” Eu vou explicar que serve de salada, faz com uma polenta, faz refogadinho... Você entendeu? Eu vou explicar como que é feito aquele...

MA.: Aquele produto...

A.: Aquele produto. E a pessoa passa a comer mais produtos de boa qualidade, produto sem veneno, e que ele não era acostumado, nem sabia pra que servia aquilo ali.

MA.: Tem muita gente que já falou pra gente que não consumia muita coisa que a gente tá pondo na cesta agora e agora tá consumindo e tá gostando. Não tinha ainda coragem de experimentar, e como foi na cesta, pra não jogar fora, acabaram experimentando e gostaram e continuou consumindo.

A.: Porque... a maioria chega na feira e o que é que eles compram? Banana, tomate, alface, uma couve (Figura 23), não é? Não compra escarola, não compra... Fica um tanto de coisa ali e...

MA.: Às vezes não sabe nem pra que serve, não sabe nem consumir.

A.:... um brócolis, uma couve-flor, um negócio assim, e às vezes não sabe nem como consumir. Igual, a gente vai e leva: “Mas e o brócolis, como é que faz?” Aí você vai explicar como é que faz o brócolis, como que faz pra ele ter durabilidade, porque senão ele vai ficar amarelado... Então tudo isso aí a gente vai ensinar e a pessoa vai aprendendo e com isso tanto ele ganha em qualidade como a gente também vai ganhando, vendendo os produtos. (Informação Verbal)⁵⁶

3) Sistemas locais de produção, industrialização, circulação e comercialização;

A comercialização das cestas gerida em todas as suas etapas pelo casal e por sua filha, tem se mostrado uma alternativa rentável aos agricultores, bem como, aos consumidores, que além da praticidade têm mais qualidade e variedade para a alimentação diária.

4) Necessidade de Políticas Públicas que promovam e contribuam para sustentar propostas que incentive a soberania alimentar.

Faz-se fundamental construir políticas públicas que sejam capazes de contribuir para a organização desenvolvimento de estratégias diversificadas de produção, que contribuam para a maior qualidade de vidas dos munícipes bem como se efetivem como sementes de soberania alimentar. Neste complexo contexto o trabalho conjunto de universidades, ONG'S e poder público pode resultar em grandes conquistas. O que infelizmente não percebemos acontecer com a frequência necessária.

Figura 23: Pé de couve



Fonte: Keffin Gracher, abril ,2012

⁵⁶ Entrevista concedida por Alvino, Maria da Glória. [2012]. Entrevistador: Michelle Ribeiro Pinto Costa e Keffin G. C. Gracher. Araraquara, 2012.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Figura 24: Michelle e Sr. Alvino colhendo alface



Fonte: Keffin Gracher, agosto de 2012.

Ao final desta reflexão, temos a certeza de que, iniciamos um caminho de inúmeras descobertas (Figura 24) que ainda precisa de muito trabalho para ser desvelado e compreendido em sua essência. Contudo, o que conseguimos registrar nos deixa claro que não é possível tipificar experiências singulares nesta ou naquela teoria científica, pois sempre faltariam elementos para completar a complexidade das

singularidades. Contudo é fundamental descrever, relatar e destacar, como buscamos fazer, estas singularidades para identificar seus desafios e potencialidades.

Acreditamos que a metodologia Estudo de caso nos possibilitou construir esta reflexão contemplando nossas necessidades para este relato, que busca também estender a experiência do leitor acerca de estratégias diversificadas de produção e comercialização dos assentados rurais.

O sistema socioeconômico capitalista que gerou grandes concentrações de terra que produzem menos alimentos, utilizam alto índice de uso de agrotóxicos e empregam de forma precária poucas pessoas em detrimento do elevado índice de uso de máquinas, nos faz repensar os desafios ambientais imposto pela nossa cultura globalizada e marcadamente consumista e excludente.

Na contra-mão deste sistema os assentamentos rurais e a produção dos agricultores familiares são responsáveis por 70% dos alimentos que consumimos diariamente, utilizando apenas 30% das terras agricultáveis, refletimos deste modo, sobre as amplas funções do P.A. Monte Alegre, que mesmo com a presença da cana-de-açúcar em larga escala, podemos reconhecer os espaços para uma produção diversificada e que as mesmas podem manter-se de forma viável. Reafirmamos a importância do homem que vive e produz no campo, bem como reconhecemos e acreditamos que seu modo de vida resguarda a cultura e a memória de nossa gente.

A recuperação do meio ambiente degradado pelo industrialismo já se impõe como um problema. Muitos países já implantaram políticas de valorização do campesinato, criando-lhe condições para uso de capital simbólico que agrega valor a seus produtos, atingindo consumidores diferenciados (e conscientizados). As pequenas propriedades apresentam-se hoje, na maior parte do globo como multifuncionais e seus agentes são, cada vez mais, pluriativos. (WHITAKER, 2008).

Não olhamos contudo, de forma ingênua para estas produções. Sabemos onde elas estão inseridas e as consequências de estarem neste contexto marcado pelo agronegócio, que infelizmente pode deixar rastros de contaminação nas produções

diversificadas. Somos otimistas porém, e acreditamos que mesmo diante deste desafios sempre vale a pena produzir de forma sustentável.

A alimentação é o que sustenta nossas vidas e contribui para a composição de quem somos. Com os avanços tecnológicos, o ato de se alimentar vem sendo distanciado da terra, da água, do sol, dos cuidados humanos, e os alimentos frequentemente são artificiais, industrializados.

Em paralelo a banalização do ato de se alimentar temos as produções de assentados rurais que continuam garantindo a produção de alimentos.

Quando nos questionamos acerca de como se organizou a experiência diversificada no assentamento rural? Acreditamos que, o modo de vida deste casal de assentados, viabilizou a construção de suas estratégias ao longo do tempo, fruto de cada momento histórico vivenciado no assentamento pelos mesmos, suas estratégias são resultado também de sua convivência com vizinhos, trabalhos nas feiras, visitas a universidades, ou seja uma constante reconstrução de saberes. Reconhecemos assim que suas principais características são o empreendedorismo do casal que possibilitou a construção de tantas estratégias diversificadas, bem como o desejo de viver de seu lote sustentou-os este anos todos.

O Sr. Alvino e a Sra. Maria da Glória, são conforme relatamos, exemplo de resistência em um contexto predominantemente marcado pelas grandes monoculturas de produções mecanizadas e carregadas de agrotóxicos, a história do assentamento Monte Alegre e suas inúmeras famílias que constantemente vivem com a necessidade de garantir sua sobrevivência, nos relembra o quanto é difícil resistir as insinuantes propostas do agronegócio que também acabou por se fazer muito presente com o cultivo da cana-de-açúcar. Experiências diversificadas, existem e se mantêm, mesmo contra todas as expectativas.

As estratégias e alternativas adotadas, dependentes das trajetórias e habitus dos sujeitos – como diria BOURDIEU (1989) não demonstram só a criatividade dos indivíduos, frente às pressões que às

vezes nos parecem inexoráveis. Elas são prova da existência de alternativas aos grandes cultivos da impropriamente chamada *Revolução Verde* – que deveria ser intitulada *Revolução Tecnológica da Agricultura*. Uma verdadeira *Revolução Verde* tomará como modelo as alternativas encontradas pelo campesinato que sobrevive ao redor do mundo, com suas soluções possíveis. (WHITAKER, 2008).

A comercialização da produção através das cestas de verduras, legumes e frutas se faz relevante, pois ultrapassa os limitantes conceitos de produção e produtividade econômica, cria-se uma cadeia de ações que beneficia os agricultores, os consumidores e o meio ambiente. As cestas entregues em domicílio contribuem para além da qualidade de vida de seus consumidores, colocando o homem que vive na zona urbana em contato com o ciclo de produção dos alimentos, contribui sobremaneira para uma alimentação mais variada e saudável, os agricultores são beneficiados, pois, podem planejar e escoar a demanda de produção, oferecendo melhores preços e obtendo uma justa remuneração.

O cultivo sem o uso de agrotóxicos respeita a necessidade de manutenção da qualidade das águas, do solo e da vida dos agricultores. O Sr. Alvino e a Sra. Maria da Glória conduzem as suas atividades agrícolas de forma interligada com as especificidades da terra e do ecossistema onde se inserem, o seu modo de vida, somado ao seu estilo empreendedor, resultou em uma prática cheia de particularidades, citamos aqui o que nos parece comum ao modo de vida dos assentados em geral e que faz parte das práticas adotadas pelo casal :

_ Junção das palhas, capins e de todo material orgânico não utilizado dentro da propriedade para manter a umidade do solo e as microvidas que ali habitam;

- O uso racional da água e a proteção das cabeceiras de mina;
- A criação de pequenos animais (galinhas, peixe, patos) compondo a diversificação da produção e contribuindo para a elevação da qualidade do auto-consumo do casal;
- A organização dos cultivos consorciados que contribui para o sistema radicular e para o aumento de quantidade de raízes no solo;
- A arborização garantida pelo cinturão verde contribui para o aumento da biodiversidade local, protege do vento.

Nesse sentido, os assentamentos de reforma agrária podem ser tomados como modelos e serão levados em conta, quando as exigências da recuperação do meio ambiente obrigarem a superar os sistemas dos grandes cultivos. Embora tímida, nossa modesta reforma agrária pontilhou o país de milhares de pequenos lotes com suas soluções originais e alternativas aos fracassos dos planejamentos, recriando mosaicos e diversidade, eliminando a fome não só para seus agentes como, em muitos casos, para populações a sua volta. Isso para não falar nas baixíssimas taxas de mortalidade infantil que apresentam, segundo pesquisas da FAO (1999). (WHITAKER, 2008).

As características e detalhes dos desafios e ousadias do Sr. Alvino e da Sra. Maria da Glória são contadas neste relato que objetiva principalmente exaltar a exitosa experiência destes agricultores, como mecanismo para dizer que existem possibilidades nos assentamentos rurais, reafirmamos que com muitos desafios, em meio a um contexto rural fortemente regido pelo agronegócio, sem o auxílio de assistência técnica, poder público ou universidades, agricultores se reinventam e constroem experiências diversificadas.

Não defendemos, no entanto, que os agricultores não necessitem de assistência técnica, muito pelo contrário, acreditamos que se esta funcionasse como se propõem nos documentos oficiais, poderíamos com certeza, ter milhares de boas e diversificadas experiências a relatar. Este é um imenso gargalo da nossa pretensa e nunca efetiva reforma agrária que precisa ser reestruturado e qualificado, para garantir ao assentado rural as condições básicas de auxílio em sua estruturação e desenvolvimento.

Bem como, acreditamos que as universidades podem ser grandes colaboradoras deste processo, não somente com suas belas dissertações nas prateleiras da biblioteca, mas sim, com cursos para agricultores, com mediação e preparação dos assentados para debates junto aos órgãos gestores dos Projetos de Assentamentos, com cursos práticos relacionados a produção, organização e desenvolvimento dos lotes, com ampla divulgação de sua produção junto aos assentados rurais, com eventos que promovam a integração dos assentados à universidade e aos conhecimentos por ela produzidos.

A experiência de entrega de cestas mostra-se diversificada por ser gerida e organizada por assentados rurais com características pessoais de proatividade e empreendedorismo que os impulsionam a constantemente reformular suas formas de sobrevivência no assentamento.

As características mais marcantes desta experiência são as formas de produção que não podem ser especificadas de alternativas, agroecológicas ou orgânicas e ao mesmo tempo possuem características muito fortes de uma agricultura que integra homem e meio ambiente de forma sustentável e respeitosa.

Bem como a utilização da rede social Facebook que confere praticidade e agilidade a todo o processo. A manutenção desta forma de comercialização, ocorre devido muitos fatores como a persistência, coragem, cuidado e respeito dos agricultores que buscam formas de solucionar os constantes desafios, e a relação de cuidado e respeito construída com os clientes.

As crenças, valores, hábitos, atitudes, representações e opiniões dos agricultores que foram sendo constituídas ao longo de sua trajetória no assentamento pelas experiências práticas orientaram as ações do agir cotidiano, e são parte do modo de vida deste casal.

Acreditamos que se faz necessário promover possibilidades de repensar a relação dos homens com os alimentos, para aproximar quem produz de quem consome, reunindo os saberes em favor de um futuro mais saudável para todos nós, deste modo ao pensar que, nos alimentamos cerca de três vezes ao dia minimamente, escolher o que comeremos torna-se desta forma uma decisão fundamental para a quebra de inúmeros paradigmas.

Valorizar cada as muitas formas de produção, a biodiversidade, a cultura alimentar das diferentes localidades, afim de que todos e todas possam ter bons alimentos torna-se imprescindível, ao incentivar assentados rurais que se mantem fiéis ao campo, que estão plantando sem agrotóxicos é para nós estimular o cuidado da terra e com as pessoas. Imensos, portanto, são os desafios, tem a mesma medida a esperança que nos move.

Mas, a história tem seus processos contraditórios, e em todos os países, dos hegemônicos e modernizados aos oprimidos, colonizados e explorados, vozes se levantam e movimentos sociais reivindicam novos modelos agrícolas, por meio dos quais se consiga manter a pequena propriedade produtora de alimentos, formando redes de abastecimento regionais que garantam alimentação para todos em situação de soberania. (WHITAKER, 2008).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, M. E. D. A. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Liber Livro, 2005.

BARONE, L. A.; FERRANTE V. L. S. B. As políticas de assentamentos em São Paulo: por um balanço da trajetória das experiências em distintas regiões. Retratos de Assentamentos. **Revista do Núcleo de Pesquisa e Documentação Rural** (Nupedor), n. 13, p. 117 – 136, 2010.

BELLACOSA, J. M. **Os desafios da reprodução camponesa frente à expansão dos agrocombustíveis**: o assentamento Monte Alegre - Araraquara- SP. 2012: (Mestrado) FFLCH. São Paulo, 2012.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Difel, 1989.

CARMO, M. S.; PINTO, M. S. V.; COMITRE, V. Estratégias agroecológicas de intervenção em assentamentos humanos; extensão para um rural sustentável. In: FERRANTE, V. L. B; WHITAKER, D. C. A. (Org). **Reforma agrária e desenvolvimento**: desafios e rumos da política de assentamentos rurais. Brasília. MDA, 2008. p. 239 – 268.

CARMO, M. S. **Desenvolvimento Territorializado**: assentamentos rurais e agroecologia. In: FERRANTE, V. L. B.; JUNIOR, O. A. **Assentamentos Rurais**: Impasses e Dilemas (uma trajetória de 20 anos). 2005.

DUVAL, H.C.; FERRANTE, V.L.S.B. **Programas municipais e produções de autoconsumo**: alternativas para o desenvolvimento com sustentabilidade nos assentamentos de Araraquara - SP. Retratos de Assentamentos, Nupedor, 2006, v.10, p.67-82.

DUVAL, H. C. **Da terra ao prato**: Um estudo das práticas de autoconsumo em um assentamento rural. 2009. 192 f. (Mestrado em Agroecologia e Desenvolvimento Rural) – Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal de São Carlos, Araras, São Paulo.

DUVAL, H. C.; FERRANTE, V. L. S. B. Autoconsumo e políticas municipais: perspectivas de segurança alimentar e de desenvolvimento. In: FERRANTE, V. L. B.; WHITAKER, D. C. A. (Org). Reforma agrária e desenvolvimento: desafios e rumos da política de assentamentos rurais. Brasília. MDA, 2008. p. 308 – 322.

DUVAL, H. C.; VALENCIO, N. F. L. S.; FERRANTE, V. L. S. B. Da terra ao prato: A importância da memória nas estratégias de segurança alimentar de famílias assentadas. Retratos de Assentamentos – **Revista do Núcleo de Pesquisa e Documentação Rural** (Nupedor), n. 12. p. 189 – 216, 2009

FERRANTE, V.L.S.B.; BARONE, L.A.; DUVAL, H.C. O preço amargo das parcerias dos assentamentos com as usinas. Retratos de Assentamentos, **Nupedor**, v.11, p.11-20, 2008.

FERRANTE, V.L.S.B.; BARONE, L.A. Parcerias com a cana-de-açúcar: tensões e contradições no desenvolvimento das experiências de assentamentos rurais em São Paulo. **Sociologias** (Versão Impressa), v.13, UFRGS, p.262- 305, 2011. **Revista do Núcleo de Pesquisa e Documentação Rural** (Nupedor), n. 10. p.67 – 81. 2006.

FURTADO, R., FURTADO, E. **A intervenção participativa dos atores (INPA)** – uma metodologia de capacitação para o desenvolvimento local sustentável. Brasília: Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA), 2000. 180p.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1991.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GAVIOLI, F. R. **As múltiplas funções da agricultura familiar**: um estudo no assentamento Monte Alegre – Araraquara-SP. (Mestrado). São Carlos: UFSCAR, 2010, 177p.

GONÇALVEZ, J. C.; SCOPINHO, R. A. Reforma Agrária e desenvolvimento sustentável: A difícil construção de um assentamento agroecológico em Ribeirão Preto – SP. Retratos de Assentamentos – **Revista do Núcleo de Pesquisa e Documentação Rural** (Nupedor), n. 13. p. 239 – 262, 2010.

KURANAGA, **Feiras do produtor**: alternativa para sustentabilidade de famílias assentadas rurais da região de Araraquara. (Mestrado). Araraquara: UNIARA, 2006, 134p.

MACIEL, M. C. **O Individual e o Coletivo nos assentamentos**: Entre o ideal e o real. Retratos de Assentamentos, Araraquara, n 12, Nupedor/UNIARA/UNESP. 2009.

MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S. GOMES, Suely Ferreira Deslandes Romeu (orgs.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 27ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008, p.9-29.

MORIN, E. **A inteligência da complexidade**. São Paulo: Peirópolis, 2000.

NISHIKAWA, D. L. L. **A narrativa dos assentados da Fazenda Monte Alegre**: a investigação da temática ambiental a partir do diálogo entre Ciências Sociais e a Ciências da Engenharia Ambiental. In: FERRANTE, V. L. B.; JUNIOR, O. A. Assentamentos Rurais: Impasses e Dilemas (uma trajetória de 20 anos), 2005.

QUEDA, O.; KAGEYAMA, P.; SANTOS, J. D. Assentamentos Rurais: Alternativas frente ao agronegócio. Retratos de Assentamentos – **Revista do Núcleo de Pesquisa e Documentação Rural** (Nupedor), n. 12. p.47 – 68, 2009.

SANT’ANA, A. L. Estratégias dos agricultores familiares: entre a moldagem da intensificação produtiva e a construção de formas diferenciadas de comercialização. Retratos de Assentamentos – **Revista do Núcleo de Pesquisa e Documentação Rural** (Nupedor), n. 14. p. 283 – 304. 2011.

SILVEIRA. Bourdieu Delivery: Traços quase sagrados. In. **Revista Sociologia**. Cadernos de Exercícios n.26.

WHITAKER, D. C. A. Soberania Alimentar e assentamentos de reforma agrária. In: FERRANTE, V. L. B. WHITAKER, D. C. A. (Org.). **Reforma agrária e desenvolvimento**: desafios e rumos da política de assentamentos rurais. Brasília. MDA, 2008, p. 323 – 340.

WHITAKER, D. C. A. **Sociologia Rural**. Questões metodológicas emergentes. São Paulo. Presidente Venceslau. 2002.

YIN, R.K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 3. ed. Porto Alegre:

Bookman, 2005.

Sites Consultados

A comida fala: A redescoberta da mesa em tempos de fast food. IHU On-line. São Leopoldo, 7 de novembro de 2005. www.unisinos.br/ihu

A comScore Lança o Relatório ‘2013 Brazil Digital Future in Focus’

Disponível

em:http://www.comscore.com/por/Insights/Press_Releases/2013/3/comScore_Releases_2013_Brazil_Digital_Future_in_Focus_Report Acesso em: 10

mar.

2012.

Agroecologia: dialogando com os homens e a paisagem. Disponível em: <http://www.iica.int/Esp/regiones/sur/brasil/Lists/DocumentosTecnicosAbertos/DispForm.aspx?ID=377> Acesso em: 11 abr. 2012.

ANTUNIASSI, M. H. Rocha; AUBREÉ, M.; CHONCHOL, M. E. F. **De Sítiate a assentado:** Trajetórias e estratégias de famílias rurais. Disponível em: https://www.seade.gov.br/produtos/spp/v07n03/v07n03_15.pdf Acesso em: 10 nov.2012.

A ONU e a alimentação. Disponível em: <http://www.onu.org.br/a-onu-em-acao/a-onu-e-a-alimentacao/> Acesso em: 20 fev.2013.

Aprovado plano internacional para reduzir obesidade mundial até 2020.

Disponível em:

<http://www.brasil.gov.br/noticias/arquivos/2013/05/28/aprovado-plano-internacional-para-reduzir-obesidade-mundial-ate-2020> Acesso em: 06 jun. 2013.

ARTIGIANI, E. L.; ARRAES, N. A. M. **O Estudo de Estratégias de Produtores.** Disponível em: <http://www.sober.org.br/palestra/12/02O095.pdf> Acesso em: 20 mar. 2013.

BARONE, L. A.; FERRANTE, V. L. S. B. Dilemas de assentados rurais em São Paulo: expressões de conflitos e acomodações na produção para o etanol. Disponível em: <https://www.docstoc.com/pass?docId=40455138&download=1> Acesso em: 15 jul. 2012.

BERGAMASCO, S.M., NORDER, L.A.C. **O que são assentamentos rurais**. São Paulo: Brasiliense, 1996. 88p. (Col. Primeiros Passos, 301) Disponível em: http://www.institutosouzacruz.org.br/groupms/sites/INS_8BFK5Y.nsf/gesWebLive/DO8KMJ7B?opendocumentSKN=1 Acesso em: 12 jul.2012.

Biblioteca Virtual do Estado de São Paulo. Disponível em: <http://www.bibliotecavirtual.sp.gov.br/pdf/saopaulo-regioes.pdf> Acesso em: 13.05.2013.

CAATIBA. Prefeitura Municipal. **Toponímia**. Disponível em www.caatiba.ba.gov.br/index.asp?link=cidade/cidade/.html acesso em: 20 MAR. 2013.

DEUS, A. M.; CUNHA, D. E. S. L.; Maciel, E. M. M. **Estudo de caso na pesquisa qualitativa em educação: uma metodologia**. Disponível em: http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/.1/GT_01_14.pdf Acesso em: 12 abr. 2013.

FEPASA. Disponível em:
http://www.arquivoestado.sp.gov.br/exposicao_ferrovias/fepasa.php. Acesso em: 10 mar 2013.

FERREIRA, E. R.; CLEPS JUNIOR, J.; BRAY, S. C. Os projetos de assentamento de trabalhadores Rurais no Estado de São Paulo. Disponível em:
<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal2/Geografiasocioeconomica/Geografiarural/01.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2012.

GAVIOLI, F. R. and COSTA, M. B. B. **As múltiplas funções da agricultura familiar**: um estudo no assentamento Monte Alegre, região de Araraquara (SP). *Rev. Econ. Sociol. Rural* [online]. 2011, vol. 49, n.2, pp. 449-472. ISSN 0103-2003. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S010320032011000200008>. Acesso em: 30 mar 2013.

Investe São Paulo. Disponível em: <http://www.investe.sp.gov.br/setores/cana>
Acesso em: 17 nov. 2012.

Mapa de Investimentos do Estado de São Paulo. Disponível em:
<http://www.investe.sp.gov.br/mapa/> Acesso em: 13mar. 2013.

MST. Lutas e Conquistas. 2 Ed. 2010. Disponível em:
<http://www.mst.org.br/sites/default/files/MST%20Lutas%20e%20Conquistas%20OPDF.pdf>. Acesso em 25 mar. 2013.

NEVES, D. P. **Assentamento rural**: confluência de formas de inserção social. Disponível em: <http://r1.ufrrj.br/esa/art/199910-005-028.pdf>. Acesso em: 04 abr 2013 .

Programa de aquisição de alimentos. Disponível em: <http://portal.mda.gov.br/portal/saf/programas/paa>. Acesso em: 15mar. 2013.

SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO. Prefeitura Municipal. **História**. Disponível em: <http://www.ssparaíso.mg.gov.br/sitenovo/PaginaPrefeitura.php?=20> Acesso em: 20 mar.2013.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Agricultura e Abastecimento. Coordenadoria de Assistência Técnica Integral. Instituto de Economia Agrícola. Levantamento censitário de unidades de produção agrícola do Estado de São Paulo -LUPA 2007/2008. São Paulo: SAA/CATI/IEA, 2008. Disponível em: <http://www.cati.sp.gov.br/projetolupa>. Acesso em: 17 mar 2012.

SETTON, M. G. J. **A teoria do habitus em Pierre Bourdieu**: uma leitura contemporânea. Revista Brasileira de Educação n.20. Rio de Janeiro Maio/Aug. 2002 Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?=S1413-24782002000200005&script=sci_arttext Acesso em:13set 2012.